



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO EM DUAS BIBLIOTECAS  
PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

Amália Miller Lana Maximiano  
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Passini Moreno

Brasília  
2024

Amália Miller Lana Maximiano

# HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO EM DUAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Passini Moreno

Brasília

2024

## CIP - Catalogação na Publicação

M482h

Maximiano, Amália Miller Lana.

Histórias em Quadrinhos: organização e tratamento em duas bibliotecas públicas do Distrito Federal / Amália Miller Lana Maximiano; orientador Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Passini Moreno. -- Brasília, 2024.

105 p.

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Bibliotecas Públicas. 3. Representação. 4. Recuperação da Informação. 5. Organização da Informação. I. Moreno, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Passini, orient. II. Título.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Título:** QUADRINHOS EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS: ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO EM DUAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

**Autor(a):** Amalia Miller Lana Maximiano

Monografia apresentada em **19 de setembro de 2024** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Fernanda Passini Moreno  
Membro Interno (FCI/UnB): Dr. Felipe Augusto Arakaki  
Membro Interno (BCE/UnB): Me. Fernando Silva



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Augusto Arakaki, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 25/10/2024, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



---

Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Passini Moreno, Membro do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação**, em 25/10/2024, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Silva, Coordenador(a) da Coordenadoria de Planejamento e Comunicação (PCOM)**, em 04/11/2024, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **11935656** e o código CRC **EC0D6F70**.

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais e irmãos*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar saúde, força e principalmente por me dar discernimento e sabedoria em todas as minhas decisões, desde a escolha do curso até a fase da monografia, graças a Ele, pude tomar sempre as melhores decisões e tudo se encaminhou no rumo certo.

Gostaria de agradecer à minha família, em especial àqueles que são a minha sustentação e responsáveis pela pessoa que sou hoje: aos meus pais Andreia Lana e Pedro Maximiano e aos irmãos Júlia Clara e Pedro Paulo pelo apoio durante esse período e por terem acreditado no meu potencial.

Minha gratidão aos meus colegas de faculdade e trabalho pelas preocupações e pelo suporte dado durante toda a minha graduação.

Agradeço também à Professora Doutora Fernanda Passini Moreno, pela orientação, pelas dicas e toda a ajuda e por todo o suporte nesse pouco mais de um ano de projeto, agradeço por ter acreditado em mim e no meu tema escolhido e principalmente pela paciência no momento de sanar minhas dúvidas.

Por fim, meus agradecimentos à Universidade de Brasília e aos Professores da Universidade de Brasília, tanto os Faculdade de Ciência da Informação quanto aos Professores pertencentes dos demais departamentos/cursos/faculdades nos quais que tive a oportunidade de cursar matérias fora do meu curso. Todos os conhecimentos agregados nas matérias estudadas foram importantes na minha formação enquanto pessoa, servidora pública e futura bibliotecária.

## RESUMO

As histórias em quadrinhos são meios de comunicação em massa que transmitem a informação de um modo singular, devido ao fato de possuírem características próprias: são linguagens formadas por imagens e textos. Outra singularidade dos quadrinhos reside no fato de que possuem tipologias diferentes. São materiais que distinguem-se dos livros, enquanto objetos passíveis de organização nas bibliotecas. Assim, este estudo possui o objetivo de analisar como as histórias em quadrinhos são organizadas e tratadas tecnicamente em bibliotecas públicas e quais são as fontes informacionais utilizadas como apoio aos bibliotecários, além de averiguar quais são os diferentes tipos de quadrinhos. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, na modalidade de estudo de caso, composta por entrevistas semiestruturadas com bibliotecários responsáveis por acervos de quadrinhos de duas bibliotecas públicas do Distrito Federal. A revisão de literatura foi composta por textos próprios da Biblioteconomia, além de literaturas que abordam o histórico, as temáticas, definições e tipologias de quadrinhos e de trabalhos que correlacionam quadrinhos e Biblioteconomia. A partir de entrevistas realizadas e de visitas aos acervos das bibliotecas, foram observadas duas situações distintas no que se refere ao tratamento e organização de histórias em quadrinhos. Em um primeiro momento houve o questionamento se havia lacunas de trabalhos voltados para a temática de tratamento de quadrinhos no âmbito da Biblioteconomia, situação que foi confirmada através das entrevistas e da revisão de literatura.

**Palavras-chave:** Histórias em Quadrinhos; Bibliotecas Públicas; Representação; Recuperação da Informação; Organização da Informação.

## ABSTRACT

The comic books are mass media that transmit information in a unique way, due to the fact that They have their own characteristics: they are languages formed by images and texts. Another comics singularity are in the fact that They have different typologies. They are materials that are distinguished from books, while objects capable of organization in libraries. Therefore, this study have the purpose of analyzing how the comic books are organized and treated technically in public libraries and what are the information sources are used to support to the librarians, besides checking what are the different types of comic books. It is a research of a qualitative nature, in the case study modality, composed of semi-structured interviews with librarians responsible for comics collections of two public libraries in Distrito Federal. The literature review was composed of own texts of Library Science, besides literatures wich approach the history, the themes, definitions and typologies of comics and the works that correlate comics and Library Science. From interviews conducted and from visits made to the collections of the libraries, two distinct situations were observed with regard to treatment and organization of the comic books. At first there was a question as to whether there was gaps of works focused on the theme of treating comics within the scope of Library Science, situation that was confirmed through the interviews and literary research.

**Keywords:** Comic Books; Public Libraries; Representation; Information Recovery; Information Organization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Codex Zouche-Nuttall.....	22
Figura 2 – Codex Zouche-Nuttall.....	23
Figura 3 – Representação em Codex Zouche-Nuttall .....	23
Figura 4 – Cena 92 da Coluna de Trajano .....	24
Figura 5 – <i>Bayeux Tapestry</i> .....	25
Figura 6 – Figura da série <i>A Rake's Progress</i> , elaborada por William Hogarth .....	26
Figura 7 – Tira de Rodolphe Töpffer .....	27
Figura 8 – <i>Maus</i> , de Art Spiegelman .....	29
Figura 9 – Página de <i>As Aventuras de Zé Caipora</i> .....	31
Figura 10 – Página do periódico infantil <i>O Tico-Tico</i> .....	32
Figura 11 – Capa do periódico <i>Gibi</i> .....	34
Figura 12 – Arte de animais antropomorfizados ( <i>chôjûgiga</i> ) .....	36
Figura 13 – <i>Hokusai Manga</i> .....	36
Figura 14 – Mangá <i>Phoenix</i> , de Osamu Tezuka .....	38
Figura 15 – A função da elaboração de índices e resumos no quadro mais amplo da recuperação da informação.....	51
Figura 16 – Modelo da Etiqueta dos Gibis .....	63
Figura 17 – Gibis na Biblioteca Nacional de Brasília.....	72
Figura 18 – Gibis na Biblioteca Nacional de Brasília.....	72
Figura 19 – Estante de mangás na Biblioteca Nacional de Brasília .....	73
Figura 20 – Estante de gibis na Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	77
Figura 21 – Estante de mangás na Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	77
Figura 22 – Gibis na Biblioteca Demonstrativa de Brasília.....	79
Figura 23 – Gibis em estante na Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	79
Figura 24 – Registro de <i>Graphic Novel</i> em sistema da Biblioteca Nacional de Brasília .....	81
Figura 25 – Registro de <i>Graphic Novel</i> em MARC em sistema da Biblioteca Nacional de Brasília .....	82
Figura 26 – Registro de <i>Graphic Novel</i> em <i>Dublin Core</i> em sistema da Biblioteca Nacional de Brasília .....	83
Figura 27 – Registro de <i>Graphic Novel</i> em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	86
Figura 28 – Registro de notas de <i>Graphic Novel</i> em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	87
Figura 29 – Registro em MARC de <i>Graphic Novel</i> em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	88
Figura 30 – Registro em ISBD de <i>Graphic Novel</i> em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília .....	89

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – Etapas da representação realizadas pelas bibliotecas .....	91
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR	<i>Anglo-American Cataloging Rules</i>
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BDB	Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles
BNB	Biblioteca Nacional de Brasília
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
ECA	Escola de Comunicações e Artes
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FRAD	<i>Functional Requirements for Authority Data</i>
FRBR	<i>Functional Requirements for Bibliographic Records</i>
FRSAD	<i>Functional Requirements for Subject Authority Data</i>
HQS	Histórias em Quadrinhos
IFLA	<i>International Federation of Libray Associations and Institutions</i>
ISBD	Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada
ISBN	<i>International Standard Book Number</i>
JSC	<i>Joint Steering Committee for Revision of AACR2</i>
LOC	<i>Library of Congress</i>
LRM	<i>Library Reference Model</i>
MARC	<i>Machine Readable Cataloging</i>
MINC	Ministério da Cultura
PIC	Princípios Internacionais de Catalogação
RDA	<i>Resource Description and Access</i>
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UNB	Universidade de Brasília

USP

Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1.1	JUSTIFICATIVA	18
1.2	PROBLEMA DA PESQUISA	19
1.3	OBJETIVOS	20
1.3.1	OBJETIVO GERAL	20
1.3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>21</b>
2.1	HISTÓRICO DOS QUADRINHOS	21
2.1.1	HISTÓRICO DAS HQS NO BRASIL	30
2.1.2	OS MANGÁS	35
2.2	TIPOS DE QUADRINHOS	40
2.2.1	QUADRINHOS/GIBIS	40
2.2.2	GRAPHIC NOVELS	40
2.2.3	ÁLBUNS/EDIÇÕES ENCADERNADAS	41
2.2.4	MANGÁS	41
2.2.5	TIRAS	42
2.2.6	FANZINES	43
2.3	ORGANIZAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO	44
2.3.1	CATALOGAÇÃO	44
2.3.1.1	Conceitos Gerais	44
2.3.1.2	Anglo-American Cataloging Rules - AACR	46
2.3.1.3	Descrição Bibliográfica (ISBD)	46
2.3.1.4	Os modelos FRBR	47
2.3.1.5	MARC	48
2.3.1.6	Pontos de Acesso	49
2.3.2	INDEXAÇÃO	50
2.3.2.1	Processo de Leitura	53
2.3.2.2	Análise de Assunto	53
2.3.2.3	Tradução	54
2.3.3	CLASSIFICAÇÃO	54
2.3.3.1	Classificação Decimal de Dewey – Decimal Classification (CDD)	55
2.3.3.2	Classificação Decimal Universal (CDU)	56
2.4	ORGANIZAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO DE HQS	58
2.4.1	ORGANIZAÇÃO/SEPARAÇÃO POR TIPOS, FAIXA ETÁRIA, COLEÇÕES	59
2.4.2	CATALOGAÇÃO	60
2.4.3	INDEXAÇÃO	62
2.4.4	CLASSIFICAÇÃO	62
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>65</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	65
3.2	COLETA DE DADOS	67

3.3 PERFIL DAS BIBLIOTECAS.....	68
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>70</b>
4.1 ORGANIZAÇÃO FÍSICA E ACESSO .....	70
4.2 REPRESENTAÇÃO.....	79
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTÕES ELABORADAS PARA A PARTE SEMIESTRUTURADA DA ENTREVISTA.....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO A – REGISTRO DE <i>GRAPHIC NOVEL</i> DA BDB.....</b>	<b>103</b>
.....	103
<b>ANEXO B – REGISTRO COMPLETO EM MARC DE <i>GRAPHIC NOVEL</i> DA BDB</b>	<b>104</b>
.....	104

# 1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (hqs), desde o seu advento, no fim do século XIX, passando pela sua consolidação como um popular meio de comunicação em massa, a partir dos anos 1950 e 1960, até o presente momento, despertam interesse e devoção por públicos dos mais diversos, que variam desde crianças até adultos de todas as idades.

Segundo Pavarina (2022), “as histórias em quadrinhos são um objeto de estudo emergente na área da Ciência da Informação, que desperta o interesse de pesquisadores acadêmico nas narrativas gráficas em suas variedades de formatos de publicação e gêneros.”

Nesse sentido, existem as bibliotecas, locais de gestão e recuperação da informação, que possuem como objetivo possibilitar a disseminação dos materiais presentes em seus acervos, independentemente de qual seja seu formato.

Assim, Gasque e Ramos (2012), ressaltam que:

Os profissionais da informação, ao organizarem os acervos para atender a necessidade de determinado setor social, devem fazê-lo com a crença de que essas informações serão úteis para seus usuários reais e potenciais, e que delas resultarão benefícios para a sociedade. (Gasque; Ramos, 2012).

Por serem materiais de leitura, embora não sejam necessariamente livros, os quadrinhos geralmente compõem acervos de bibliotecas. Assim, é nessa situação em que o bibliotecário faz-se presente, a sua função é realizar a intermediação entre as obras e seu público.

Para Gasque e Ramos (2012), os quadrinhos devem ser incluídos em unidades de informação porque estes, além de serem elementos que ajudam na aprendizagem de seus leitores, especialmente os jovens e crianças, eles também possuem a característica de transmitirem ideias e conhecimentos de forma mais lúdica e visual. Segundo os autores, os quadrinhos configuram-se como um importante meio de incentivo à leitura.

Porém, a tarefa de organizar materiais em quadrinhos não é necessariamente simples de se realizar. A dificuldade na gestão desses acervos pode ser encontrada em fases diferentes do trabalho de um bibliotecário. Questões como variações dos

tipos de quadrinhos, temáticas variadas, múltiplas autorias, mudanças editoriais, lançamento de novas edições do mesmo trabalho, entre outras, surgem a partir do momento em que o bibliotecário recebe os quadrinhos em seu acervo.

Além das do trabalho em si, há outra questão que torna a organização de quadrinhos mais desafiadora: a lacuna de trabalhos voltados para essa área no âmbito da Ciência da Informação. Nesse sentido, Souza e Toutain (2010), explicam que o fato de os quadrinhos se classificarem como produtos da comunicação em massa os afastaram, durante anos, de serem estudados por áreas da ciência que não fosse a Ciência da Comunicação.

Segundo Souza e Toutain (2010), somente após os anos 80, os quadrinhos passaram a ser vistos por pesquisadores de outras áreas:

a partir dos anos 80, com a crescente incorporação de fatos reais e temáticas adultas nas HQs, o seu conteúdo informativo passou a atrair os especialistas da informação, que não encontraram literatura específica sobre o tema e importaram vários conceitos adotados em Comunicação a fim de desenvolver seus próprios estudos. (Souza, Toutain, 2010).

Ao realizar uma breve pesquisa sobre histórias em quadrinhos na área da Ciência da Informação, é perceptível que a quantidade de trabalhos é menor do que o esperado pela quantidade e diversidade de obras em quadrinhos disponíveis no país atualmente.

Durante a consulta de material bibliográfico para este trabalho, tanto em plataformas de trabalhos acadêmicos, como em sites de eventos e revistas da Ciência da Informação, foram encontrados poucos materiais cuja temática correlacionava Biblioteconomia com Quadrinhos, e ao tentar encontrar literatura que abordasse a organização e tratamento técnico os resultados mostraram-se ainda mais escassos.

Posto isso, este trabalho tem como objetivo aferir quais os desafios enfrentados atualmente pelos bibliotecários no que tange à organização de histórias em quadrinhos e se, os trabalhos publicados na área são suficientes enquanto suportes aos seus trabalhos, além de averiguar como essa organização tem sido feita nas bibliotecas públicas.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Histórias em quadrinhos, tais quais livros, periódicos, e outros, constituem-se em materiais que devem ser objeto de estudo da Ciência da Informação. Neste sentido, para Pavarina, Zafalon e Barboza (2021):

as histórias em quadrinhos podem compor a gama de pesquisas desenvolvidas na Ciência da Informação por serem um tipo de manifestação que contém informações registradas em determinado suporte, analógico ou digital, coadunando com o escopo de recursos que compõe o objeto de estudo da Ciência da Informação.

Posto isto, em determinado momento durante estudos, houve duas situações às quais é possível citá-las como cruciais para serem utilizadas como pontos de partida para a escolha do tema, problema e objetivos deste trabalho.

Primeiramente, ao realizar estágio obrigatório em uma biblioteca pública do Distrito Federal, percebi que havia um grande acervo de materiais em quadrinhos, de todos os tipos (gibis, mangás, *graphic novels*), porém os bibliotecários e estagiários os organizavam seguindo o trabalho feito por seus antecessores, mas nesses trabalhos não havia um padrão de organização, por exemplo, alguns mangás estavam acondicionados em um local, outros em locais diferentes dos anteriores, na classificação também não havia um padrão definido, seguindo-se também à mesma lógica do acondicionamento.

Em consonância com a experiência do estágio, e paralelamente a ela, cursei a disciplina de “Organização e Tratamento de Materiais Especiais”, que em dado momento de sua sequência, abordava a organização de histórias em quadrinhos. Ainda enquanto cursava essa matéria, tive a oportunidade de realizar um trabalho com breve revisão de literatura, na qual foi perceptível a lacuna de trabalhos cuja temática era a organização desses materiais.

A partir do estudado e realizado nos momentos mencionados anteriormente, houve o entendimento de que o fato de quadrinhos serem obras “híbridas”<sup>1</sup>, pois mesclam em sua linguagem o uso da escrita e de imagens, assim como a percepção das diferenças dos quadrinhos entre si, fatores que devem ser levados em consideração durante a representação desses materiais.

---

<sup>1</sup> Eisner (2010), em seu livro “Quadrinhos e Arte Sequencial” ressalta o caráter dos quadrinhos superpor mutuamente elementos da arte e da literatura. Para o autor, os artistas de quadrinhos “conseguiram uma hibridação bem-sucedida de ilustração e prosa”.

Além disso, este trabalho justifica-se devido a necessidade de que deva existir maior familiaridade entre os bibliotecários e os quadrinhos, pois a lacuna de obras que auxiliem os bibliotecários a organizarem esses materiais pode mostrar-se como fator de adversidades no trabalho desses.

Dos trabalhos pesquisados, pode-se verificar que foram publicadas obras que tratam de classificação, catalogação e indexação de histórias em quadrinhos, porém de forma específica, cada uma focada em seu escopo principal, à exceção de escassos trabalhos que abordam metodologias de trabalho de criação e organização de gibitecas, sendo esses considerados mais completos, por abordarem todas as etapas de representação física de histórias em quadrinhos.

Ademais, outra questão observada após a pesquisa bibliográfica e que mostrou-se relevante e consonante com a justificativa e objetivos deste trabalho diz respeito ao fato de que há uma ausência, nos instrumentos específicos para organização, de informações que possam servir de suporte para a representação dos materiais em quadrinhos. Por exemplo, ao usar o *Anglo-American Cataloging Rules (AACR2)*, observa-se que não há um capítulo específico para esse tipo de material, outros instrumentos, tais quais a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU) limitam os quadrinhos a uma única numeração, incluída na categoria de artes.

Em prosseguimento, na próxima subseção apresenta-se o problema da pesquisa.

## 1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

O fato de as histórias em quadrinhos se caracterizarem como materiais especiais e a lacuna de literatura especializada são fatores que trazem dificuldades de organizar e tratar as histórias em quadrinhos em acervos de bibliotecas públicas?

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como as histórias em quadrinhos são organizadas e tratadas tecnicamente em bibliotecas públicas.

### 1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar quais instrumentos podem ser utilizados para organizar e tratar materiais em formatos de quadrinhos;
- b) Descrever as características dos diferentes tipos de histórias em quadrinhos;
- c) Identificar quais fontes de informação apoiam e auxiliam no trabalho de organização e tratamento técnico das HQs.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 HISTÓRICO DOS QUADRINHOS

Segundo Alvarenga (2023),

ao longo da história, existiram diferentes formas de narrar por meio de quadrinhos, em vários lugares do mundo, gerando diferentes modelos e formas. Nesse contexto, os quadrinhos foram modelados, adquirindo características próprias até se consolidarem como os conhecemos atualmente. Para tanto, criou-se uma série de tecnologias que definiram as formas de leitura e transmissão de conteúdo nas HQs.

Ao estudar a respeito das histórias em quadrinhos, é comum inferir que este tipo de arte seria relativamente novo, especialmente ao se comparar com livros, por exemplo. Mas quando fala-se em representação gráfica de situações tipicamente humanas, é preciso voltar ao período no qual os primeiros homens passaram a desenhar nas paredes das cavernas. As artes rupestres são consideradas como as primeiras manifestações de representação em forma de sequência, especialmente aquelas às quais caracterizam-se como ilustrações de situações comuns de seu período.

Apesar de usualmente se considerar os famosos hieróglifos egípcios como exemplo de representações gráficas, McCloud (2005) explica que, apesar de possuir semelhança com as artes sequenciais, os hieróglifos têm como função a representação do som, sendo assim, guardando uma semelhança maior com a função de uma palavra. Porém, apesar de os hieróglifos não serem necessariamente os percussores dos quadrinhos McCloud (2005), salienta que na arte egípcia havia exemplos de artes cujos desenhos possuíam em seu conteúdo um ordenamento de ações cotidianas do Egito Antigo.

Além dos egípcios, McCloud (2005) cita também como primeiros exemplos de arte sequencial manifestações artísticas dos povos pré-colombianos. Os documentos denominados códices são manuscritos elaborados pelos indígenas da cultura Mixteca. Esses códices eram elaborados em peles de animais, panos de algodão e fibras de árvores e possuíam suas páginas dobradas como a estrutura de biombos (Dellaméa; Medeiros, 2004; Lima, 2018).

A particularidade desses códices encontra-se no fato de que são ricamente ilustrados, e suas ilustrações possuem o objetivo de registrar genealogias e narrar histórias. Entre as temáticas dessas narrativas, destacam-se a criação do mundo, a fundação dos primeiros senhorios ou cidades mixtecas, as genealogias e as histórias das linhagens de seus governantes dos períodos entre 900-1000 d.C até o momento da conquista pelos Castelhanos (Dellaméa; Medeiros, 2004; Lima, 2018).

**Figura 1 – Codex Zouche-Nuttall**



Fonte: *The British Museum* (2024)

**Figura 2 – Codex Zouche-Nuttall**



Fonte: *The British Museum* (2024)

**Figura 3 – Representação em Codex Zouche-Nuttall**



Fonte: *The British Museum* (2024)

No período do Império Romano, houve a criação de um dos maiores exemplos de narrativa gráfica, desta vez em um monumento: A Coluna de Trajano. Finalizada no ano de 113 d.C., a coluna possui 29 metros de altura e é esculpida em toda a sua

extensão por figuras, que representam as conquistas do Imperador Trajano (53-117) sobre os povos Dácios (Santos, 2023).

**Figura 4 – Cena 92 da Coluna de Trajano**



Fonte: *Trajan's Column in Rome* (2024)

Outro exemplo de representação artística sequencial, é a tapeçaria produzida na França, no século XI, chamada de *Bayeux Tapestry*. Nessa tapeçaria, há a representação, em forma cronológica da Conquista da Normandia, especificamente da Batalha de Hastings, ocorrida em 1066 (McCloud, 2005).

**Figura 5 – Bayeux Tapestry**



Fonte: *Khan Academy* (2024)

A partir do século XV, especificamente após o surgimento da imprensa na Europa, houve um novo salto no que diz respeito à arte sequencial. Com a popularização da arte e da escrita, também houve o advento, em ampla escala, das histórias com artes, uma precursora dos quadrinhos. Nesse contexto, William Hogarth (1697-1764) revolucionou com séries de ilustrações, cujo conteúdo visava relatar histórias, cujo conteúdo possuía grande viés de preocupação e críticas sociais (McCloud, 2005).

Figura 6 – Figura da série *A Rake's Progress*, elaborada por William Hogarth



Fonte: *The Art Institute of Chicago* (2024)

Além das contribuições de Hogarth, McCloud (2005) também ressalta a importância de Rodolphe Töpffer (1799-1846), artista considerado pelo autor como o “pai dos quadrinhos modernos” e também o pai das tirinhas. Ainda segundo McCloud (2005), as histórias de Töpffer eram constituídas por “imagens satíricas, iniciadas em meados do século XIX, empregavam **caricaturas** e requadros – além de apresentar a primeira combinação interdependente de **palavras** e **figuras** na Europa.” (grifos do autor)

Figura 7 – Tira de Rodolphe Töpffer



Fonte: *The British Museum* (2024)

Nos anos subsequentes, McCloud (2005) ressalta a importância das revistas inglesas de caricaturas na manutenção das tradições, “e, à medida que o século XX se aproximava, as histórias em quadrinhos começaram a florescer num fluxo regular de fantasias que continua até os dias de hoje.” Assim, as primeiras narrativas gráficas sequenciais surgidas na Europa no final do século XIX e compunham-se de caricaturas e críticas de cunho político.

Já a publicação de quadrinhos em formato de tiras em jornais teve início a partir do final do século XIX, nos Estados Unidos, e a partir de 1907, tornaram-se diárias (Vergueiro; Santos, 2014).

Para Vergueiro e Santos (2014), o sucesso e conseqüente lucro das tiras nos jornais norte-americanos tornou-se imprescindível para a popularização das narrativas gráficas:

É possível que, sem a estrutura empresarial (jornais, editoras, distribuidoras) que tornou o quadrinho um produto comercial, esta manifestação artística não teria desenvolvido todo seu potencial (estético, narrativo, mercadológico etc.) e cativado gerações de leitores (Vergueiro; Santos, 2014).

Na década de 1930, outro formato surgiu nos Estados Unidos: o *comic book*, a famosa revista de história em quadrinhos. Os *comics books* surgiram a partir da

publicação de uma edição que tinha como objetivo reunir diversas tiras já publicadas nos jornais, e a partir de 1935, começaram as publicações de materiais inéditos nas novas revistas (Vergueiro; Santos, 2014).

A popularização e massificação dos quadrinhos culminou no surgimento de muitas obras desprovidas de rigor e qualidade, assim, no auge dos quadrinhos, a partir dos anos 1930 até aproximadamente os anos 1950, nos Estados Unidos, começaram a ser publicadas muitas obras com temáticas repetitivas, com artes e roteiros elaborados sem muito refinamento (Vergueiro, 2011).

Porém, em meio a obras de qualidade questionáveis e a constante censura instaurada pelo *Comics Code*, autores insatisfeitos com o cenário de sua época começaram a publicar quadrinhos autônomos, de acordo com suas próprias normas editoriais. Assim, no final da década de 1960 surgiram os quadrinhos *underground*, ou *comix*, entre os principais quadrinistas desse movimento, pode-se citar Robert Crumb, Gilbert Shelton, Trina Robbins, Rick Griffin, entre outros (Vergueiro, 2011).

Essas mudanças que vinham ocorrendo nas maneiras de se produzirem quadrinhos foi o marco inicial para uma nova fase desses materiais, que agora passariam a serem valorizados como produtos culturais. Neste sentido, Vergueiro (2011) salienta que:

O reconhecimento do potencial artístico dos quadrinhos por parte dos intelectuais europeus e a eclosão do movimento de quadrinhos underground ajudaram a assentar as bases para a próxima etapa na legitimação cultural das histórias em quadrinhos no mundo inteiro.

Esse processo de legitimação das narrativas sequenciais viu-se novamente em transformação a partir do surgimento desse novo tipo de quadrinhos: as *graphic novels*.

Entre os primeiros trabalhos surgidos nesse formato, pode-se destacar *The Jungle Book*, de Harvey Kurtzman, publicada em 1959 e *Beyond Time and Again*, de George Metzger, publicada em 1976. Porém, muitos atribuem a um trabalho de Will Eisner o título de primeira *Graphic Novel*, a obra intitulada *Um contrato com Deus*, publicada em 1978. (Vergueiro, 2009)

Ao quadrinista Will Eisner também é atribuída a disseminação e criação do termo, embora existam controvérsias quanto à origem do nome *Graphic Novel*. Para Vergueiro (2011, p. 7) “antes de Eisner, o termo já havia sido utilizado pelo crítico de

quadrinhos norte-americano Richard Kyle, em 1964, e também por Henry Steele na revista *Fantasy illustrated*, de 1966.”

Por fim, a importância e relevância das *graphic novels* para o segmento dos quadrinhos pode ser percebida conforme explicado por Vergueiro (2011), da seguinte forma:

as *graphic novels* tornaram possível quebrar a barreira entre os quadrinhos industrializados e os alternativos. Elas criaram condições para um mercado diferenciado, em que a qualidade artística, o aprofundamento psicológico, a ousadia do design e a complexidade temática passaram a ter seu valor melhor equacionado.

A publicação de *Maus* pôde ser considerada como um marco importante nessa nova visão dada aos quadrinhos. *Maus*, a obra prima de Art Spiegelman, foi publicada de forma independente entre os anos de 1980 a 1991. A história, trata-se dos relatos, em estilo de fábula, dos horrores vivenciados pelos pais de Spiegelman durante o Holocausto (Vergueiro, 2011).

#### Figura 8 – *Maus*, de Art Spiegelman



Fonte: Art Spiegelman (2019)

Vergueiro (2011) ressalta a importância de *Maus* no sentido de que:

Com ele, evidenciava-se para o mercado norte-americano e para o mundo em geral o potencial do novo formato de disseminação de quadrinhos, que não mais precisava ficar vinculado às narrativas tradicionais super-heróis, detetives e heróis interplanetários, mas podia também ser explorado para incursões no campo da história, da memória social e do jornalismo (Vergueiro, 2011).

Além de *Maus*, há outras obras que podem ser consideradas como cruciais à história dos quadrinhos. No âmbito das histórias de heróis, a partir dos anos 1980, surgiram novas obras responsáveis por uma revitalização do subgênero, entre as principais do período, destacam-se: *Watchmen* (1986-1987), de Alan Moore e Dave

Gibbons, *Batman: The Dark Knight Returns* (1986), de Frank Miller, *Batman: Year One* (1987), de Frank Miller, David Mazzucchelli e Richmond Lewis, *Batman: The Killing Joke* (1988), de Alan Moore e Brian Bolland (Vergueiro, 2011).

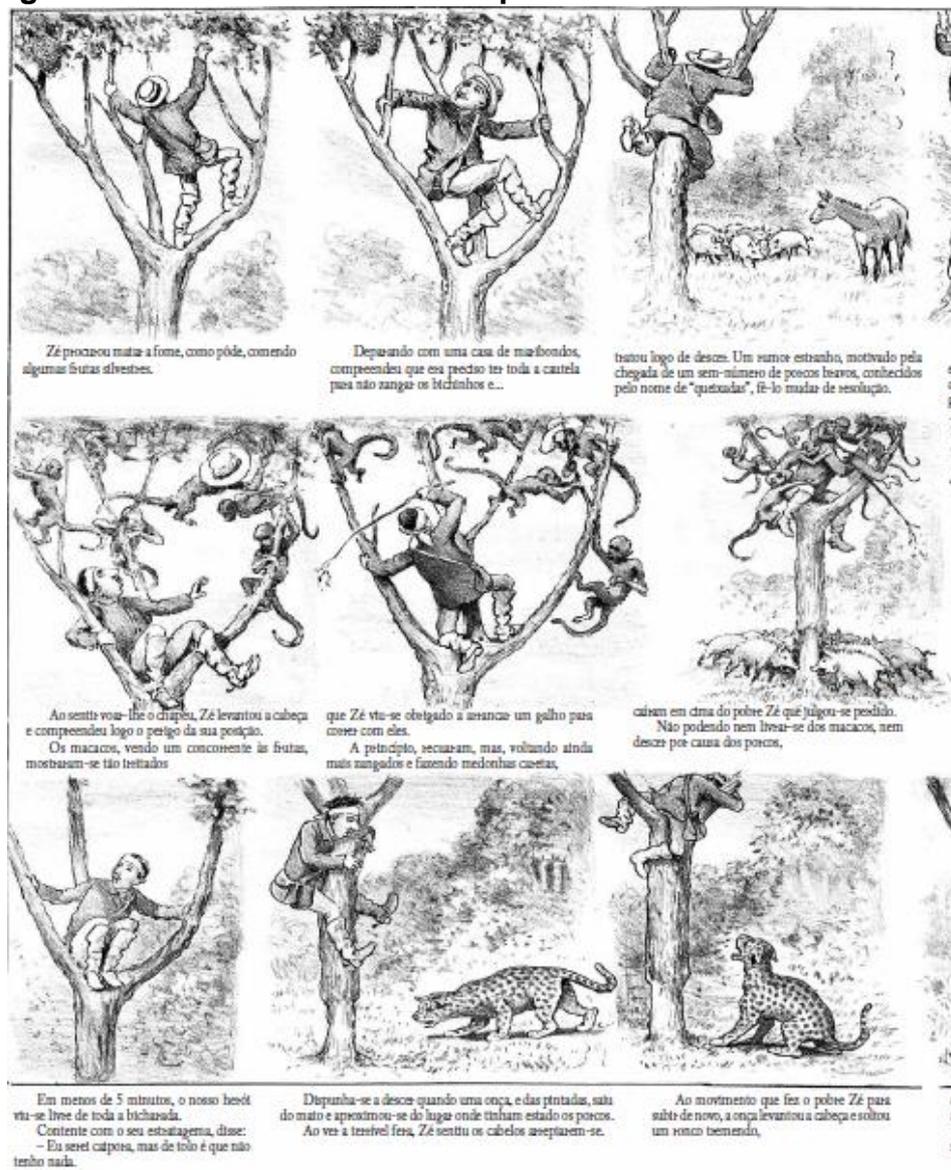
Fora da temática de super heróis, um dos maiores sucessos dos quadrinhos deu-se com *Sandman* (1989-1996), a obra-prima de Neil Gaiman, em colaboração com diversos desenhistas como Dave McKean, Sam Keith, entre outros. Já a obra *Palestina*, de Joe Sacco foi responsável pela criação de um novo gênero dos quadrinhos: o jornalismo em quadrinhos. A *graphic novel* de Joe Sacco, abordava, em formato quadrinístico, os acontecimentos vividos pela população Palestina, em meio a conflitos étnicos e militares (Vergueiro, 2011).

### 2.1.1 Histórico das HQs no Brasil

As primeiras manifestações de quadrinhos no Brasil surgiram em meados do século XIX, seguindo os padrões das obras publicadas na Europa, que compunham-se basicamente de publicações de charges e caricaturas, estas sendo caracterizadas especialmente por possuírem um caráter fortemente satírico, criticando os costumes e políticas de sua época (Vergueiro; Santos, 2014).

O pioneiro do novo gênero, o ítalo-brasileiro Angelo Agostini (1843-1910), foi responsável pela criação de obras consideradas como as primeiras narrativas compostas por imagens sequenciais, ou seja, Agostini é o autor das primeiras histórias em quadrinhos brasileiras: *As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* (1869) e *As Aventuras de Zé Caipora* (1883). Outra importante realização de Agostini diz respeito ao trabalho realizado na revista *Tico-Tico*, sendo esta a primeira revista voltada para o público infantil no país. Na *Tico-Tico*, Agostini foi responsável pela criação do primeiro logotipo e também autor e desenhista de capas, ilustrações e histórias em quadrinhos (Vergueiro; Santos, 2008).

Figura 9 – Página de As Aventuras de Zé Caipora



Fonte: Angelo Agostini (2019, p. 90)

Figura 10 – Página do periódico infantil O Tico-Tico



Fonte: Biblioteca Nacional (2024)

Vergueiro e Santos (2008), explicitam o fato de que a Tico-Tico, além de ter sido o primeiro periódico infantil brasileiro, foi a primeira revista a trazer em seu conteúdo histórias em quadrinhos de forma regular, e também a publicação periódica mais longeva, lançada ao longo de 55 anos, entre 1905 e 1960.

Vergueiro e Santos (2014) explicam que a Tico-Tico, com relação ao formato de publicação e disposição gráfica dos quadrinhos seguia o modelo dos quadrinhos Europeus. Segundo os autores, a revista caracterizava-se da seguinte forma: “Com

a capa e algumas páginas impressas em cores, essa publicação apresentava, além de narrativas sequenciais cômicas, contos, curiosidades, material didático, jogos e brinquedos de armar.”

A partir dos anos 1930, o mercado de quadrinhos brasileiro passou por uma grande mudança com o advento das histórias americanas, as editoras nacionais passaram a publicar em grande quantidade quadrinhos oriundos dos Estados Unidos, o que contribuiu para a popularização do gênero, apesar do rápido saturamento das temáticas norte-americanas e da valorização do trabalho importado em detrimento do que havia sendo feito por artistas nacionais (Vergueiro; Santos, 2014).

Ademais, o surgimento dos *comics books* nos Estados Unidos influenciou significativamente a produção dos quadrinhos brasileiros. Segundo Vergueiro e Santos (2014):

É possível perceber a influência dos *comics* norte-americanos sobre a edição de quadrinhos no Brasil, e não só pelas tiras republicadas por aqui, mas, principalmente, nas mudanças introduzidas na linguagem das narrativas gráfica sequenciais: o quadrinho de humor com histórias curtas e autocontidas dá lugar aos enredos de aventura, serializados em vários capítulos.

Outro marco importante na história dos quadrinhos no Brasil diz respeito ao surgimento do “Gibi”. Esta alcunha tornou-se muito popular no país e é usada como sinônimo de quadrinhos, a identificação de hq como gibi pelo brasileiro foi e é tão significativa ao ponto de definir o nome das bibliotecas especializadas em histórias em quadrinhos, as “Gibitecas”, como a Gibiteca Henfil, em São Paulo e a Gibiteca de Curitiba, por exemplo.

O nome gibi foi utilizado pela primeira vez pela editora Globo, em 1939, como título de sua revista composta por histórias em quadrinhos. O periódico, que trazia as histórias de *Mandrake*, de Lee Falk e Phil Davis; *Popeye*, de Elzie Crisler Segar e *The Spirit*, de Will Eisner, entre outras, fez enorme sucesso e teve edições lançadas até 1961 (Vergueiro; Santos, 2014).

Figura 11 – Capa do periódico Gibi



Fonte: Vergueiro; Santos (2014)

Em contraponto à predominância de obras norte-americanas, surgiram, a partir do período entre as décadas de 1960 e 1970, novos periódicos, com foco exclusivamente em quadrinhos produzidos por artistas brasileiros e com temáticas próprias da realidade brasileira. Nesse sentido, Santos e Vergueiro (2011), ressaltam que:

Em meados da década de 1970, houve a retomada do movimento em prol de mais espaço para os quadrinhos brasileiros nas revistas editadas no país. Essa reivindicação havia tido início no final dos anos 1950 e mobilizado vários artistas. Temendo que essa iniciativa virasse lei, as grandes editoras passaram a utilizar material nacional e até a criar publicações específicas para veicular histórias criadas no Brasil (Santos; Vergueiro, 2011).

Influenciadas pelo movimento que ocorria nos Estados Unidos, essas publicações também foram consideradas como de caráter *underground*, por suas características alternativas aos padrões da época. Henfil e os artistas como Ziraldo, que compunham o grupo do famoso “O Pasquim”, são considerados como os maiores representantes do movimento no período (Vergueiro, 2011).

Além de O Pasquim, pode-se citar outras revistas que destacaram-se no cenário alternativo do país na época, como Fradim, de Henfil, Balão, Grilo e O Bicho (Santos; Vergueiro, 2011).

Após a década de 1950, com o advento da televisão no país, com a inevitável queda de qualidade das obras veiculadas e com o saturamento das tramas norte-americanas (a maior parte das hqs brasileiras era composta por obras vindas dos Estados Unidos), o mercado brasileiro de quadrinhos começou a viver seu declínio. A partir desse período, muitas das revistas foram perdendo seu público e inúmeros periódicos passaram a ser descontinuados (Santos; Vergueiro, 2008).

As mudanças no âmbito de hqs no Brasil só viriam a acontecer novamente a partir da década de 1990, com a introdução dos mangás no país. Nesse sentido, Mussarelli e Miotello (2016), explicam que “fatores como as baixas vendas das histórias em quadrinhos norte americanas e o sucesso das animações japonesas na televisão aberta brasileira possibilitaram ao mercado nacional apostar em outro gênero quadrinístico, os mangás”.

Os quadrinhos japoneses, especialmente após o fim dos anos 2000, com o advento das publicações lançadas pela editora Conrad e com a fundação da editora JBC, tornaram-se muito populares e mostraram-se como absolutos sucessos de venda desde então.

### 2.1.2 Os Mangás

A origem da arte sequencial produzida no Japão remonta ao século XII, com a obra de arte conhecida como *emaki-mono*, um pergaminho de dez metros composto por gravuras, que ao ser aberto, revelava uma narrativa (Cunha, 2018).

Além dos *emaki-mono*, Alvarenga (2023) menciona a existência de outras manifestações artísticas como influência no surgimento dos mangás: as pinturas *chôjûgiga*. Essas pinturas traziam elementos como sátiras sociais, representações de animais antropomorfizados e tom jocoso (Alvarenga, 2023).

**Figura 12 – Arte de animais antropomorfizados (*chôjûgiga*)**



Fonte: *Wikimedia Commons* (2024)

Apesar da existência anterior de exemplos de narrativas ilustradas no Japão, o termo mangá surgiu somente no século XIX, com a publicação, entre os anos de 1814 até 1878, dos livros ilustrados denominados *Hokusai Manga*, pelo famoso artista de *ukiyo-e* Katsushika Hokusai (1760–1849) (Cunha, 2018).

**Figura 13 – *Hokusai Manga***



Fonte: *The Metropolitan Museum of Art* (2024)

Nesse sentido, Alvarenga (2023), explica que Katsushika Hokusai

foi um dos artistas mais conhecidos de *ukiyo-e* a fazer ilustrações de forma totalmente seriada, montando uma sequência cronológica para os acontecimentos dentro da obra, separada em capítulos e volumes, assim como vemos nos mangás da atualidade (Alvarenga, 2023).

A partir de 1853, o Japão se viu em um novo momento de sua história, a Era Meiji (1868-1912), na qual o país passou a ser governado por um imperador. Nesse período, o Japão abriu-se novamente para o Ocidente, após 200 anos de isolamento. Assim, o contato com jornalistas europeus trouxe aos japoneses charges e cartuns, que também tiveram sua parcela de influência nos mangás modernos (Cunha, 2018; Vasconcellos, 2006).

Os períodos que sucederam o início do século XX, principalmente após a década de 1930, com crises financeiras, censura e guerras, diminuíram a produção de mangás no país, sendo esta retomada ocorrida somente após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (Cunha, 2018).

No pós-guerra, os mangás começaram a ser produzidos novamente, em um primeiro momento, de forma independente e em materiais baratos, os quadrinhos do período receberam o nome de *akai hon* (livrinho vermelho). Neste período surgiram os primeiros trabalhos de Osamu Tezuka (1928-1989), considerado o pai do mangá moderno (Vasconcellos, 2006).

Figura 14 – Mangá *Phoenix*, de Osamu Tezuka



Fonte: Osamu Tezuka (2024)

Uma das principais características que diferenciam os mangás dos quadrinhos ocidentais diz respeito aos seus gêneros, que diferenciam-se de acordo com seus públicos alvos. Segundo Alvarenga (2023),

Para compreendermos os mangás, é fundamental entendermos seus gêneros, pois são eles que os classificam, indicando o tipo e teor de narrativa apresentada e, por conseguinte, a faixa etária a que se destina, como ocorre com filmes, revistas e livros.

Assim, os quadrinhos japoneses são divididos em:

- *Kodomo*: voltado para crianças e possui forte teor educativo;

- *Shounen*: destina-se aos garotos na faixa de idade entre 10 e 18 anos, aborda temáticas de amizade, coragem e lealdade;
- *Shoujo*: é visto como o oposto do *shounen*, destinado ao público feminino situado entre 10 a 18 anos, geralmente aborda sentimentalismo e enredos românticos;
- *Seinen*: possui temáticas voltadas para o público adulto masculino, com restrição acima de 18 anos, pode focar em qualquer assunto, geralmente são mais violentos e aborda contextos mais complexos;
- *Josei*: assim como o *seinen*, também é destinado a adultos, porém com temáticas próprias ao público feminino, possui conteúdo sexual mais explícito;
- *Ecchi*: tem como público rapaz com idade maior de 16 anos e possui conteúdo sexual pouco explícito e erotizado;
- *Jidaigeki*: voltado para adolescentes e adultos, focados em eventos históricos, em especial sobre a história do Japão;
- *Seijin (hentai)*: é o gênero dos mangás adultos de nudez e sexo explícito, destinado somente a maiores de 18 anos;
- *Yuri*: é formado por temáticas de relações homoafetivas entre mulheres;
- *Yaoi*: assim como o *yuri*, também aborda relações homoafetivas, porém entre homens (Alvarenga, 2023).

Os mangás, em sua grande maioria, passaram/passam por adaptações animadas, conhecidos como animês/animés. A partir da década de 1990, a exibição dos animés por emissoras de canais abertos brasileiras também ajudou a popularizar as obras japonesas no Brasil. O mangá *Lobo Solitário*, de Kazuo Koike e Goseki Kojima, lançado em 1988, foi primeiro mangá publicado no país.

## 2.2 TIPOS DE QUADRINHOS

### 2.2.1 Quadrinhos/Gibis

A palavra “Quadrinhos”, em seu sentido mais amplo, recebe uma conotação muito própria no contexto brasileiro, é uma designação generalista para as revistas em quadrinhos, os populares “gibis”. Também são conhecidos como revistas de linha.

Quanto às suas características, os quadrinhos periódicos são as revistas mais comuns, seu formato é geralmente 13,5 x 19 cm, possuem acabamentos mais simples, sem muita elaboração em seu padrão, reproduzidos em papéis frágeis, formados por grande quantidade de volumes, com publicação periódica e histórias sequenciais (Vergueiro, 2005).

A respeito das publicações dos gibis, Vergueiro (2005), explica que:

Sob muitos aspectos, os gibis representam um mercado totalmente caótico, sem qualquer tipo de padronização em relação à numeração, uniformidade dos títulos ou continuidade, com almanaques e números especiais intercalando títulos regulares, podendo tanto receber uma numeração própria como seguir a mesma seqüência numérica do título principal, numa balbúrdia difícil de compreender por aqueles que não estão familiarizados com o meio (Vergueiro, 2005).

Entre os exemplos mais comuns de quadrinhos/gibis, tem-se a mais popular das histórias, A Turma da Mônica, de Maurício de Souza. Histórias de heróis como *Batman*, *Superman*, Homem-Aranha, Capitão América também se incluem no rol de quadrinhos. Além destas, há também as histórias de aventuras, como As Aventuras de Tintim, de Hergé, *Tex*, de Gian Luigi Bonelli e Aurelio Galleppini, *The Spirit*, de Will Eisner.

### 2.2.2 *Graphic Novels*

As *graphic novels*, por vezes, podem ser confundidas com os álbuns, devido ao seu tipo de acabamento, mais elaborado e caprichado dos que os quadrinhos/gibis. Porém, a diferença com relação aos álbuns diz respeito ao tipo de trama veiculada nesses materiais.

Compostas por histórias relativamente longas, em formato de micro ou maxi séries, as *graphic novels* costumam ser publicadas em vários volumes. A *graphic novel* é composta por um único volume. Já as minisséries possuem, no geral, de três a seis volumes, e as maxisséries publicam em torno de 16 volumes (Vergueiro, 2005)

Alguns exemplos mais notórios de *graphic novels*, pode-se citar *Maus*, de Art Spiegelman, *V for Vendetta*, de Alan Moore e David Lloyd, *Um Contrato com Deus*, de Will Eisner, *Black Hole*, de Charles Burns, *Persépolis*, de Marjane Satrapi, *Palestina*, de Joe Sacco.

### 2.2.3 Álbuns/Edições encadernadas

Os álbuns, que guardam semelhanças físicas com as *graphic novels*, também são caracterizados por seu trabalho de editoração, nos quais detalhes como capas, tipo de papel, impressão e artes são extremamente importantes para as edições.

Além disto, outra característica que tornam as edições encadernadas únicas refere-se ao fato de cada história presente em cada edição ser única, ou seja, não haverá sequências ou volumes posteriores ao publicado. Por vezes pode acontecer de surgirem histórias paralelas à original, mas ainda sem configurar como continuação da obra anterior (Vergueiro, 2005).

O conteúdo dos álbuns pode ser tanto de histórias inéditas, quanto por histórias publicadas anteriormente. Segundo Vergueiro (2005), “os álbuns tanto podem trazer histórias inéditas, especialmente preparadas para esse formato, como podem ser constituídos por narrativas já anteriormente publicadas em veículos diversos, como jornais ou revistas regulares”.

Para Abud (2012), “É considerado álbum também a compilação de tiras de determinado autor que foram publicadas anteriormente em jornais ou revistas”.

Vergueiro (2005), traz como obras representativas de álbuns as publicações dos quadrinhos do personagem Asterix, de René Goscinny e Albert Uderzo, a saber: *O filho de Asterix*, *O adivinho*, *O domínio dos deuses*, *Asterix e Latraviata*.

### 2.2.4 Mangás

No Brasil, os primeiros mangás foram publicados no fim da década de 1980, e seguiam os padrões ocidentais de leitura, o que demandava das editoras adaptações, tais como o espelhamento das páginas (Mussarelli; Miotello, 2016).

Após os anos 1990, as editoras passaram a publicá-los de acordo com a sua ordem original, seguindo o modo de leitura oriental, do “final” para o “começo”, da direita para a esquerda. Para informar aos leitores dessa especificidade, as editoras passaram a incluir na última página um aviso de que a ordem a ser seguida era diferente da ocidental, juntamente com uma breve explicação da ordem a ser seguida durante a leitura dos mangás (Mussarelli; Miotello, 2016).

Os quadrinhos japoneses possuem características únicas que os tornam materiais distintos dos produzidos pelo mundo ocidental. Entre as principais, destacam-se o fato de que os quadrinhos são publicados majoritariamente em papel-jornal e em tinta preta, não existem mangás coloridos, porém, edições especiais podem trazer algumas páginas com desenhos coloridos (Alvarenga, 2023; Mussarelli; Miotello, 2016).

Quanto aos formatos das publicações mais comuns, as principais são: *tankobon/tankohon*, *meio-tanko*, e *kanzenban*<sup>2</sup>. Dessas, destaca-se que os *kanzenban* são as edições de luxo, caracterizadas por possuírem melhor durabilidade, mais páginas e maior qualidade de impressões e materiais, já os *tankobon* são as edições de bolso (Mussarelli; Miotello, 2016).

Entre exemplos de mangás, cita-se *Astro Boy*, de Osamu Tezuka, *Dragon Ball*, de Akira Toriyama, *Naruto*, de Masashi Kishimoto, *One Piece*, de Eiichiro Oda, *Yu Yu Hakusho*, de Yoshihiro Togashi, *Akira*, de Katsuhiro Otomo.

### 2.2.5 Tiras

As tiras costumam ser histórias curtas, envolvendo de três a cinco quadros, geralmente de cunho humorístico ou irônico.

Pavarina (2022), descreve as tiras da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Os autores Mussarelli e Miotello (2016) deram maior destaque para a as edições *tankohon*, *meio tanko* e *kanzenban* porque esses são os formatos de mangás publicados no país, assim, não há necessidade de abordar as demais, nem descrever com maiores detalhes cada uma. Como fonte dessas informações utilizaram o site <<https://www.ibox.com.br/2011/02/06/manga-guia-de-formatos/>>

geralmente são quadrinhos sequenciais, que possuem entre três a cinco quadros ilustrando uma curta história ou cenas de reflexão, geralmente envolvendo personagens fixos, no qual a trama e os personagens secundários gravitam em torno do personagem principal (Pavarina, 2022).

As tiras no geral possuem alguns elementos que as caracterizam e diferenciam dos outros tipos de quadrinhos, tais quais: temática voltada para o humor, texto curto construído por um ou mais quadros, personagens fixos ou não e narrativa de desfecho inesperado (Pavarina, 2022).

Sua forma de publicação mais usual acontece através de jornais, fato que, por vezes torna mais difícil sua organização e manutenção em acervos. Nesse sentido, para Vergueiro (2005), “Muitas tiras ou histórias dominicais jamais são lançadas novamente em outra modalidade de publicação, dificultando o trabalho de preservação da memória quadrinhística, pois os jornais são materiais frágeis que se perdem com muita facilidade”.

Entre as tiras mais conhecidas pelos públicos de várias gerações, cita-se: *Peanuts*, de Charles M. Schulz, *Garfield*, de Jim Davis, Calvin e Haroldo, de Bill Watterson, Mafalda, de Quino, Hagar, o Horrível, de Dik Browne, Recruta Zero, de Mort Walker. Das tirinhas brasileiras, destaca-se O Menino Maluquinho, de Ziraldo, Rê Bordosa, de Angeli, Níquel Náusea, de Fernando González, Piratas do Tietê, de Laerte, Graúna, de Henfil.

## 2.2.6 Fanzines

Fanzines é o nome dado a partir de uma justaposição dos termos “fã” e “magazine”, assim como as hqs, as fanzines geralmente são compostas por textos e imagens (Campos, 2016; Vergueiro, 2005).

Segundo Campos (2016),

Um fanzine é diferente de uma revista tradicional justamente porque seu realizador não se preocupa com o mercado editorial nem com o lucro que pode obter. É uma forma de expressão livre, feita em função dos direcionamentos dados pelo grupo de editores. Publicação independente e livre, o fanzine pode ser reproduzido e também dar origem a outros fanzines.

Outro importante detalhe que torna as fanzines obras únicas e diferentes das citadas anteriormente é que estas são elaboradas, editadas e publicadas exclusivamente por pessoas comuns, consideradas amadoras, os fãs de

determinado segmento, que pode ser quadrinhos, jogos, livros, arte, e principalmente, música.

Por possuir um caráter alternativo, com poucas tiragens, sem demanda por lucro e por circularem em grupos específicos de fãs, as fanzines, muitas vezes são materiais difíceis de serem encontrados, o que torna sua disseminação mais restrita.

## 2.3 ORGANIZAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO

Primeiramente, antes de abordar como ocorre a organização, representação e tratamento técnico de quadrinhos, faz-se necessária uma breve apresentação e explicação de como essas etapas acontecem nos casos mais usuais, de livros e outros materiais comuns.

### 2.3.1 CATALOGAÇÃO

#### 2.3.1.1 Conceitos Gerais

A catalogação consiste em um trabalho de representação bibliográfica, cujo objetivo principal é reunir as principais informações de determinada obra para facilitar a sua busca e recuperação nos acervos.

Mey e Silveira (2009, p. 7) definem catalogação como

o estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais ou ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nestes registros do conhecimento e as mensagens internas dos usuários (Mey; Silveira, 2009).

Mey e Silveira (2009, p. 94), explicitam que a catalogação compreende três partes: descrição bibliográfica, pontos de acesso e dados de localização. Para as autoras:

Estas partes de ligam ao fato de que a catalogação deve individualizar os recursos bibliográficos, de forma a que não sejam confundidos entre si; reunir recursos bibliográficos por suas semelhanças, estabelecendo relações entre si, e, finalmente, permitir a localização de um recurso bibliográfico específico em acervo determinado (Mey; Silveira, 2009).

A descrição bibliográfica, ou representação descritiva, corresponde à etapa na qual o bibliotecário transcreve as informações do recurso bibliográfico, individualizando-o (Mey; Silveira, 2009, p. 94).

Ainda com relação à descrição, as autoras trazem que:

À descrição cabe extrair diretamente do recurso bibliográfico todas as informações, de interesse para o usuário, que individualizem o recurso bibliográfico, tornando-o único entre os demais. A descrição bibliográfica se refere à manifestação, podendo incluir alguma peculiaridade do item. Cada manifestação possui apenas uma descrição e cada descrição se aplica a uma única manifestação (Mey; Silveira, 2009).

Já os pontos de acesso são definidos por Mey e Silveira (2009, p. 145) como “um nome, termo, título ou expressão, pelo qual o usuário pode procurar e encontrar, ou acessar, a representação bibliográfica de um recurso, ou o próprio recurso eletrônico de acesso remoto.”

Por fim, ainda segundo Mey e Silveira (2009, p. 96), os dados de localização “são as informações que permitem ao usuário localizar um item em determinado acervo, real ou ciberespacial”. Para as autoras, “os dados de localização podem compreender o código da biblioteca e o número de chamada.”

A prática da catalogação teve como marco importante a criação de uma normalização internacional para a catalogação, feita pela Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, em 1961. Surgiu assim a primeira Declaração dos Princípios (IFLA, 2016).

Em 2009, verificou-se que os Princípios necessitavam de uma atualização, especialmente após o advento da internet como meio de trabalho nas bibliotecas. Desta forma, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias ou *International Federation of Libray Associations and Institutions* (IFLA), publicou uma nova versão, a Declaração Dos Princípios Internacionais de Catalogação (PIC), atualizada entre 2014 e 2015 e publicada em 2016 (IFLA, 2016).

A Declaração Dos Princípios Internacionais de Catalogação (PIC), da *International Federation of Libray Associations and Institutions* (IFLA) (2016) traz alguns elementos como essenciais à prática da catalogação, sendo esses: entidades, atributos e relações.

As entidades são os objetos chave, ou uma categoria abstrata de objetos conceituais. Os atributos, por sua vez, são as características primárias que

descrevem as entidades. E, por fim, as relações explicam as conexões entre as entidades (IFLA, 2016).

### 2.3.1.2 *Anglo-American Cataloging Rules - AACR*

Outro importante marco da catalogação ocorreu com a publicação, em 1967, das *Anglo-American Cataloging Rules (AACR)*, que são códigos compostos de regras para a realização de descrição de itens bibliográficos.

Já em 1978 houve a publicação da segunda edição do AACR. Ao longo do tempo a AACR2 teve uma segunda edição, além de revisões e emendas, sendo a última publicada em 2005 (Mey; Silveira, 2009, p. 79).

O AACR2 é dividido em duas partes, além dos apêndices. A primeira parte é composta das descrições, com informações de como descrever os materiais. Já a segunda traz os pontos de acesso, títulos uniformes e remissivas. Os apêndices, por sua vez, trazem regras com relação a questões tais quais uso de abreviaturas, maiúsculas, numerais e artigos iniciais.

Uma terceira modificação do AACR ocorreu em 2004, a ideia inicial era lançá-la como uma terceira edição, o AACR3, porém o *Joint Steering Committee for Revision of AACR2 (JSC)* decidiu que deveriam adotar uma outra abordagem, sendo assim, o novo trabalho passou a ser chamado de *Resource Description and Access (RDA)* (Silva, 2019, p. 34).

Em relação ao RDA, Cavalheiro e Arakaki (2023 *apud* Oliver, 2021) ressaltam que “é considerada uma nova forma de abordar registros bibliográficos, utilizando uma ferramenta online com diretrizes para a descrição de recursos informacionais e que pode ser utilizada seguindo o conjunto de práticas *Linked data*.”

Em 2016, o RDA também começou a passar por uma reestruturação, publicada em 2022, sob o nome de *RDA 3R Project* (Cavalheiro; Arakaki, 2023, p. 3).

### 2.3.1.3 *Descrição Bibliográfica (ISBD)*

Descrição Bibliográfica é definida pela IFLA (2016) como “conjunto de dados bibliográficos que registram e identificam um recurso.”

A partir dos conceitos definidos pela Declaração Dos Princípios Internacionais de Catalogação (PIC), a descrição bibliográfica deve ser criada de forma independente para cada manifestação e pode incluir atributos (IFLA, 2016).

Ainda segundo a Declaração (2016), os dados descritivos devem seguir um padrão denominado Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada (ISBD).

A ISBD foi publicada em 1971, dois anos após a Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação, que propôs a criação de normas para regulamentar a forma e o conteúdo das descrições e tem como objetivo a universalização dos registros bibliográficos, é uma norma de formação do controle bibliográfico (Moreno; Márdero Arellano, 2005) (Silva, 2016).

Assim, foram publicadas as oito versões da ISBD, sendo estas: ISBD (M) – monografias; ISBD (G) – geral; ISBD (CM) – material cartográfico; ISBD (S) – seriado; ISBD (CF) – arquivo de computador; ISBD (NBM) material não livro; ISBD A – publicações monográficas antigas e ISBD (PM) – música impressa.

Em virtude dos avanços na área e com a percepção de problemas na Designação Geral de Material das edições, fez-se necessária a criação, em 2009, de uma nova área de forma do conteúdo e do tipo de mídia, a Área 0. Por fim, em 2011, houve a publicação da ISBD consolidada (Silva, 2016).

#### 2.3.1.4 Os modelos FRBR

Além das reuniões que culminaram na criação dos Princípios Internacionais de Catalogação e no estabelecimento da ISBD, a IFLA deu início, em 1990, aos estudos que deram origem aos *Functional Requirements for Bibliographic Records*, os FRBR, publicados em 1998, que são modelos de requisitos funcionais (Mey; Silveira, 2009, p. 9; Moreno; Márdero Arellano, 2005).

Para Silva (2019), “O FRBR é descrito como um novo modelo conceitual do universo bibliográfico”. Ainda quanto ao modelo FRBR e sua aplicabilidade, o autor ressalta que:

Sob o modelo do FRBR, os registros no catálogo bibliográfico tornam-se pesquisáveis de forma mais sofisticada do que a forma pela qual foram inseridos nos catálogos automatizados sob conceito tradicional, e tornados disponíveis online. No entanto, os registros catalográficos ainda não são

compatíveis com a forma da informação disponível na Web, e com o qual a maioria dos usuários estão familiarizados (Silva, 2019).

Em 2009, a IFLA se mobilizou para a criação de um novo modelo, em virtude da necessidade de o FRBR estender-se para abordar os dados de autoridade, pois estes demandam de uma análise mais completa acerca de suas entidades, atributos e relacionamentos. Desse trabalho houve a publicação dos Requisitos Funcionais para Dados de Autoridade, em inglês *Functional Requirements for Authority Data* (FRAD) (Cavalheiro; Arakaki, 2023).

No ano seguinte a IFLA publicou mais um modelo conceitual, o *Functional Requirements for Subject Authority Data* (FRSAD) (Cavalheiro; Arakaki, 2023).

Para Cavalheiro e Arakaki (2023):

O IFLA-LRM foi criado com intuito de unificar os modelos conceituais *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR), *Functional Requirements for Authority Data* (FRAD) e *Functional Requirements for Subject Authority Data* (FRSAD), consolidando uma estrutura única, como modelo de referência com escopo em bibliotecas, mas que pode ser utilizado em outras instituições que trabalham com recursos bibliográficos.

Em 2017, a IFLA reuniu-se novamente, desta vez para criar um novo modelo cujo objetivo principal seria adequar os modelos conceituais às publicações de dados na web, especialmente a partir dos conceitos do *linked data* (Cavalheiro; Arakaki, 2023).

### 2.3.1.5 MARC

O advento das tecnologias computacionais e suas utilizações cada vez mais frequentes nas bibliotecas, demandou a necessidade de se criarem recursos os quais pudessem automatizar e facilitar os processos de gestão da informação. Assim, a partir da década de 1960, surgiam os primeiros projetos de automação da catalogação.

Nesse contexto, o formato *Machine Readable Cataloging* – MARC foi concebido pela *Library of Congress* (LOC) com colaboração de outros países, o primeiro MARC possuía como objetivos principais: “aceitação de todos os tipos de materiais; flexibilidade para produção de diferentes aplicativos, além de catálogos; e utilização por diferentes sistemas automatizados” (Mey; Silveira, 2009, p. 77).

À época de sua criação, conforme preconizado por Silva (2019), a grande vantagem do MARC encontrava-se no fato de este formato tornar possível aos catalogadores criarem registros em formato eletrônico. Ainda de acordo com Silva (2019 *apud* Miller, 2011) “O MARC torna o compartilhamento de registros mais fácil porque a informação nos registros pode ser trocada entre os computadores.”

Conforme Salgado *et al.* (2022), o MARC utiliza um sistema breve de números, códigos e símbolos na catalogação de registros e é composto por campos, subcampos e indicadores. Além disto, os autores explicam que o formato é estruturado em duas seções de dados: uma responsável pelas informações descritivas e outra pelos dados bibliográficos propriamente ditos.

A partir do primeiro MARC, desenvolvido entre 1965 e 1966, surgiram outros formatos, sendo o mais recente o MARC21. A criação do formato MARC21 surgiu em meio a necessidade de se proceder à compatibilização entre os formatos USMARC (Estados Unidos), CANMARC (Canadá) e UKMARC (Inglaterra), que eram adaptações do MARC originário para satisfazer às necessidades locais de catalogação e intercâmbio de dados (Modesto, 2009; Salgado *et al.*, 2022).

O MARC21 é composto por cinco formatos, a saber: dados bibliográficos, de autoridade, de coleção, de classificação e para informação comunitária (Modesto, 2009; Salgado *et al.*, 2022).

### 2.3.1.6 Pontos de Acesso

Quanto aos pontos de acesso, a Declaração (2016) esclarece que “1) fornecem uma recuperação confiável de dados bibliográficos e de autoridade e seus recursos bibliográficos e 2) reúnem e limitam os resultados da pesquisa”. Os pontos de acesso podem ser controlados ou não controlados.

Mey e Silveira (2009, p. 96), descrevem que os pontos de acesso “são escolhidos e determinados pelo catalogador, de acordo com regras e normas, contidas em diversos instrumentos de auxílio, e as necessidades e características de seus usuários.”

Quanto às questões terminológicas, Silva (2019) salienta que:

O termo ‘cabeçalho autorizado’ ou ‘cabeçalho controlado’ torna-se ‘ponto de acesso autorizado’, bem como o termo ‘título uniforme’ que também passa a ser designado como ‘ponto de acesso autorizado’ (e que representa tanto

uma obra ou uma expressão); as remissivas ‘ver’ e ‘ver também’ tornam-se ‘pontos de acesso variantes’ (Silva, 2019).

Os pontos de acesso podem ser: de título, de responsabilidade, de assunto, de data, de idioma, de país, entre outros. Além dos mencionados, existem as remissivas, que são pontos de acesso que possuem a função de remeter para outros pontos de acesso, ou seja, as remissivas devem sempre levar a outros cabeçalhos existentes no acervo. As remissivas podem ser do tipo “ver” ou “ver também” (Mey; Silveira, 2009, p. 169).

### 2.3.2 INDEXAÇÃO

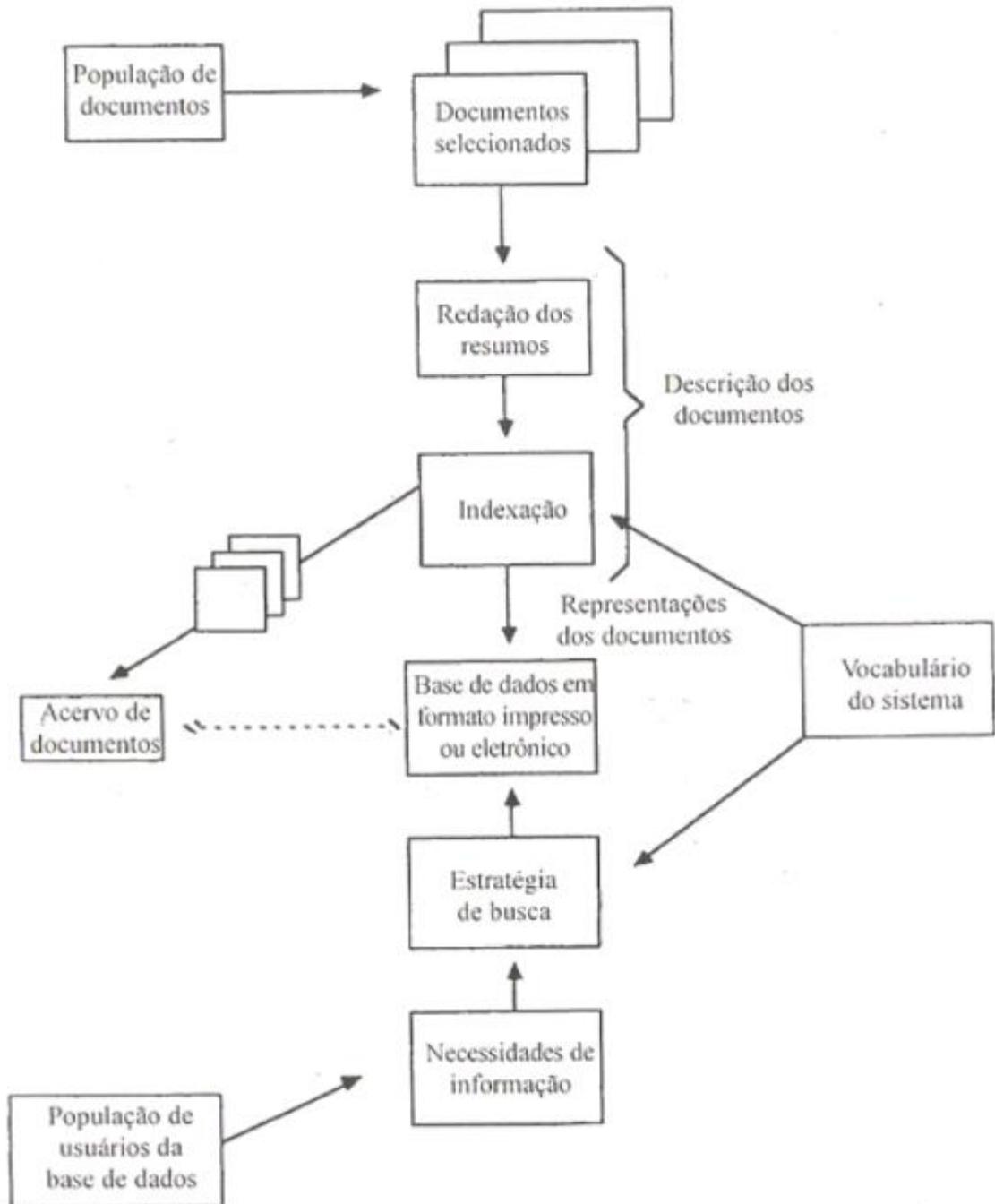
A indexação corresponde aos procedimentos de leitura, análise, escolha e transposição de termos de uma obra para os índices. Fujita (2004) destaca que “o bom ou mau desempenho da indexação reflete-se na recuperação da informação feita através de índices”. Ainda segundo a autora, a indexação realizada a partir da utilização de conceitos mais pertinentes leva a resultados mais precisos na pesquisa de assuntos através dos índices.

Segundo Pavarina (2022):

para realizar a indexação faz-se necessário uma análise sobre os principais conteúdos dos documentos, transformando-os em descritores padronizados no sistema utilizado pela unidade de informação, possibilitando a recuperação destes documentos pelos índices de assunto ou resumos.

Lancaster (2004, p. 1) explica que construir representações de documentos em algum tipo de base de dados é o principal objetivo da elaboração de índices. Para o autor, essa elaboração pode ser exemplificada conforme a imagem:

**Figura 15 – A função da elaboração de índices e resumos no quadro mais amplo da recuperação da informação**



Fonte: Lancaster (2004, p. 2)

O trabalho de indexação deve ser sempre elaborado de acordo com duas importantes variáveis: as políticas da unidade de informação e as necessidades do usuário.

De acordo com Fujita (2004), o processo de indexação ocorre a partir da compreensão do texto como um todo, da identificação e seleção de conceitos e, por

fim, passa pela tradução, que é a fase que consiste em representar os conceitos por termos de uma linguagem de indexação.

Para Fujita (2004), “a seleção de conceitos é parte integrante da identificação de conceitos realizada durante a análise de assunto e existe para o indexador prever a adequação dos conceitos representados à recuperação conforme demanda do usuário.”

Em 1992, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), publicou a NBR 12676, que traz em seu conteúdo condições para a prática normalizada de exame de documentos, da determinação de assuntos e seleção de termos para a indexação, além de trazer orientações para a fase de preparação de resumos e tradução dos pedidos dos usuários para os termos de uma linguagem de indexação.

Segundo a norma, a indexação acontece basicamente em três fases, a saber:

- a) exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo;
  - b) identificação dos conceitos presentes no assunto;
  - c) tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação.”
- (ABNT, 1992).

Para avaliar se a recuperação da informação ocorre de forma eficiente, utiliza-se de duas medidas, que são ligadas a indexação de documentos: os coeficientes de revocação e precisão (Piedade, 1983).

A revocação é uma qualidade de Sistemas de Recuperação da Informação (SRI), sua capacidade é medida através da relação entre documentos relevantes recuperados e o número total de documentos sabidamente relevantes existentes no acervo. Já a precisão caracteriza-se como a relação entre os documentos relevantes recuperados e o número total de documentos recuperados (Piedade, 1983).

Para que a revocação e a precisão sejam mensuradas, faz-se necessária a utilização de dois fatores: a exaustividade e a especificidade. Segundo Piedade (1983), exaustividade “é a extensão com que determinado documento é indexado, isto é, o número de conceitos contidos nos documentos utilizados na indexação”.

A especificação, princípio diretamente ligado com a capacidade de precisão, é definido como a exatidão com que os descritores representam o conteúdo temático dos documentos (Piedade, 1983).

### 2.3.2.1 Processo de Leitura

Para o processo de indexação ser efetivo e atingir aos seus objetivos, é necessário, em um primeiro momento, que o indexador faça a leitura dos documentos para a obtenção dos termos a serem indexados.

Porém, essa leitura não pode ser realizada da mesma forma com a qual lê-se normalmente, é necessário distinguir a leitura comum da leitura documentária, pois nesta fase, o leitor indexador deve realizar uma leitura dinâmica, dispensando a leitura completa do documento (Fujita, 2004, p. 84).

Primeiramente, é imprescindível ressaltar que a leitura integral do texto não pode ser realizada, em virtude de o indexador não possuir disponibilidade de ler página por página. Assim, para facilitar e agilizar esse processo, a leitura deve levar em consideração as partes importantes do texto: título, introdução, primeiras frases de capítulos e parágrafos, ilustrações, tabelas, diagramas, conclusão palavras ou grupos de palavras destacadas (Fujita, 2004).

### 2.3.2.2 Análise de Assunto

O termo “análise de assunto” por vezes pode receber outras acepções, que variam de acordo com o autor. Entre os sinônimos mais utilizados do termo, pode-se citar “análise documental” ou “análise conceitual”.

Para Lancaster (2004, p. 9), a análise implica em decidir do que trata o documento, qual é o seu assunto.

Segundo Fujita (2004), pode-se afirmar que a análise de assunto é uma das etapas mais importantes entre todas as etapas da indexação, ainda segundo a autora, a análise tem como objetivo identificar e selecionar os conceitos que representam a essência do documento.

Nesse sentido, ressalta-se que a para a ABNT (1992), a palavra “conceito” é definida como “qualquer unidade de pensamento. O conceito pode ter o seu conteúdo semântico reexpresso pela combinação de outros conceitos, que podem variar de uma língua ou de uma cultura para a outra”.

Fujita (2004, *apud* Chu e O'Brien 1993) consideram que:

A análise de assunto como a fase inicial do processo de indexação, a qual decidirá sobre os principais tópicos do assunto de um documento,

precedendo a fase de tradução desses tópicos de acordo com a linguagem documentária adotada pelo sistema (FUJITA 2004, *apud* CHU e O'BRIEN 1993)

A análise de assunto configura-se como a tarefa a ser realizada concomitantemente à leitura.

Em relação à escolha dos conceitos, a norma NBR 12676 ressalta que:

O indexador não precisa necessariamente representar com termos de indexação todos os conceitos identificados durante o exame do documento. A escolha dos conceitos que devem ser selecionados depende da finalidade para a qual são usados os termos da indexação. Neste caso, as características da indexação mais afetadas são: seu grau de exaustividade e especificidade dos termos selecionados (ABNT, 1992).

Para Fujita (2004), a análise de assunto é subdividida em três estágios:

- “- Compreensão do conteúdo do documento;
- Identificação dos conceitos que representam este conteúdo;
- E seleção dos conceitos válidos para recuperação”.

### 2.3.2.3 Tradução

Lancaster (2004, p. 18) descreve a tradução como a etapa na qual ocorre “a conversão da análise conceitual de um documento num determinado conjunto de termos de indexação.”

A tradução, que corresponde ao momento de transposição dos conceitos para os descritores da linguagem dos sistemas, por sua vez, deve ocorrer posteriormente à leitura e à análise dos assuntos (Fujita, 2020).

### 2.3.3 CLASSIFICAÇÃO

As principais funções da classificação são a organização e recuperação da informação. Para Langridge (2006), a função desempenhada pela classificação é a organização do conhecimento, especialmente aquele contido em livros e outros meios.

A classificação da informação estabelece-se por meio de sistemas ou esquemas de classificação. Segundo Langridge (2006), “deve haver três partes em qualquer esquema geral: 1) As tabelas; 2) As regras para uso; e 3) O índice alfabético”.

Nas classificações também destaca-se a existência das notações, que podem ser definidas como instrumentos de codificação “para facilitar o arranjo dos itens em um sistema de classificação” (Langridge, 2006).

Piedade (1983), por sua vez, define notação como “conjunto de símbolos destinados a representar os termos de classificação, traduzindo em linguagem codificada o assunto dos documentos, e permitindo sua localização nas estantes, nos catálogos e nas tabelas de classificação” (Piedade, 1983).

Neste sentido, Langridge (2006) acrescenta que “é muito importante não confundir notação com classificação. As classificações são feitas com conceitos. As notações são acrescentadas depois e devem sempre ser tratadas como subsidiárias”.

Entre as principais classificações documentárias, destacam-se: Classificação de Cutter, a Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação Decimal Universal (CDU), a Classificação da Biblioteca do Congresso e a Classificação dos Dois Pontos, de Ranganathan.

A classificação elaborada por Cutter é conhecida como a “Classificação Expansiva”, pois foi elaborada com a ideia de se ajustar à expansão do conhecimento humano (Souza, 2012).

Outra importante característica dessa classificação reside no fato de que suas classes podem ser subdivididas sem nenhuma limitação de quantidade, suas subdivisões ficam a critério do catalogador. As notações de Cutter são alfabéticas, e suas classes representam-se através de letras maiúsculas e as subdivisões, por letras minúsculas. E as subdivisões de forma, história e geografia são representadas por números (Souza, 2012).

Além de sua classificação, outra importante contribuição de Cutter são as tabelas de autores, utilizadas na formação de números de chamadas (Piedade, 1983).

### 2.3.3.1 Classificação Decimal de Dewey – *Decimal Classification* (CDD)

A Classificação Decimal de Dewey (CDD), é formada por uma sequência de números que segue a ordem decimal. Publicada pela primeira vez em 1876 por Melvil Dewey, que, em sua classificação, optou por dividir o conhecimento humano

em dez classes, representadas pelos números de 0 a 9. Na CDD, as classes são escritas em centenas e se subdividem decimalmente (Souza, 2012).

Piedade (1983), explica que “a notação do sistema é constituída de números decimais (...) e foi usado um mínimo de três algarismos, tratados como decimais, assim é que 0,1 e 0,2 transformaram-se em 100 e 200” e “a CDD só utiliza um sinal gráfico, um ponto, após o terceiro algarismo”.

As classes principais da CDD correspondem às disciplinas fundamentais do conhecimento, sendo elas as seguintes: 000 – Ciência da Computação, Informação e Obras Gerais, 100 – Filosofia e Psicologia, 200 – Religião, 300 – Ciências Sociais, 400 – Idiomas, 500 – Ciência, 600 – Tecnologia, 700 – Artes e Recreação, 800 – Literatura, 900 – Geografia, Biografia, História (Langridge, 2006; Piedade, 1983).

### 2.3.3.2 Classificação Decimal Universal (CDU)

Criada por Paul Otlet e Henri La Fontaine, a Classificação Decimal Universal (CDU) originou-se a partir da Classificação Decimal de Dewey (CDD). Sendo assim, também trata-se de uma classificação formada por dez classes principais. A CDU teve sua primeira publicação em 1905.

Uma diferença entre a CDD e a CDU refere-se ao número de algarismos que compõem cada classe, na CDD cada notação de classe é formada por três algarismos, já na CDU, elas são formadas por apenas um, e suas classes dividem-se em classes menores, essas compostas por dois algarismos e assim por diante, separados por um ponto a cada três dígitos (Souza, 2012).

Afora os livros, a CDU possibilita a classificação de outros tipos de materiais, tais como vídeos, filmes, discos, ilustrações, mapas, peças de museus, entre outros (Souza, 2012).

Ademais, em sua estrutura, além dos números, a CDU permite a utilização de sinais e tabelas auxiliares, que permitem uma maior possibilidade de categorização dos assuntos e classes. Neste sentido, para Souza (2012):

A **CDU** possui dois tipos de **Tabelas de Classificação: as tabelas principais ou sistemáticas**, contendo todo o conhecimento humano, arranjado em dez classes e hierarquicamente subdividido; e **as tabelas auxiliares**, que servem para completar as tabelas principais através dos

sinais e tabelas auxiliares comuns e dos sinais especiais. A estrutura da **CDU** se completa com o **índice alfabético** de assuntos (grifos do autor).

Os sinais gráficos utilizados na CDU são os seguintes:

- + (mais)
- / (barra oblíqua)
- : (dois pontos)
- (hífen)
- [ ] (colchetes)
- :: (dois pontos duplos)
- ' (apóstrofo)
- \* (asterisco)
- . (ponto)
- ... (reticências)

Na criação da CDU também procurou-se separar o conhecimento em classes principais, a saber:

- 0 – Generalidades
- 1 – Filosofia
- 2 – Religião. Teologia
- 3 – Ciências Sociais
- 5 – Ciências Puras
- 6 – Ciências Aplicadas
- 7 – Belas Artes. Divertimentos. Desportos
- 8 – Filologia e Literatura
- 9 – Geografia. Biografia. História

Piedade (1983), ressalta que até 1964, a classe 4 destinava-se à filologia, porém foi transferida para a classe 8, deixando a 4 livre para utilização futura.

## 2.4 ORGANIZAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO DE HQS

Após explicitadas as informações acerca da organização, representação e tratamento técnico, assim como o breve histórico das histórias em quadrinhos e suas características e diferenças, exemplificamos, a partir das pesquisas em obras da área, como a organização, representação e tratamento técnico se aplica aos acervos de quadrinhos.

Nesse sentido, Souza e Toutain (2010) explicam que:

Para tratar dos quadrinhos enquanto documentos é necessário que o profissional da informação compreenda os processos cognitivos que estão neles representados. Esta compreensão torna-se especialmente desafiante na medida em que se percebe que os quadrinhos são compostos de informações textuais, verbais, gestuais etc. (Souza, Toutain, 2010).

Segundo Pavarina, Zafalon e Barboza (2021), o tratamento técnico dos quadrinhos é imprescindível porque “decorrente da gênese sincrética dos quadrinhos, faz-se necessário estabelecer orientações específicas para a descrição e o tratamento de tal modo que os dados representativos destes documentos deem conta de suas especificidades.”

Desde a chegada das obras nos acervos até a sua disposição nas prateleiras, os quadrinhos passam pelas mesmas etapas que um livro comum, porém durante as etapas de organização, representação e tratamento técnico devem ser observadas as diferenças e características próprias destes tipos de materiais.

Entre os fatores que influenciam no trabalho de organização dos quadrinhos, Souza e Toutain (2010), citam o fato de que os quadrinhos possuem uma linguagem própria “torna dificultoso seu tratamento e organização por parte do profissional da informação não familiarizado com sua leitura”. Já para Abud (2012), a dificuldade reside no fato de as editoras de quadrinhos não manterem padrões editoriais.

As imagens veiculadas pelos quadrinhos também são vistas como um fator de dificuldade no momento de se realizar sua categorização, principalmente porque imagens são códigos informacionais com menor quantidade de literatura na Ciência da Informação (Souza, Toutain, 2010).

Ainda com relação ao tratamento dispensado a esses materiais, Souza e Toutain (2010), acrescentam que:

Ainda se engatinha na elaboração de um cabeçalho de descritores, e as descrições bibliográficas, quando raramente realizadas, não contemplam de forma precisa e detalhada o conteúdo das obras catalogadas, se limitando a esclarecer a forma em que a obra se apresenta - quadrinhos, mas sem explicitar seu conteúdo. Desta forma, não são recuperadas as indicações de responsabilidade, gênero das obras, títulos das histórias, entre outras informações (Souza, Toutain, 2010).

Posto isto, exemplifica-se nesta seção como essa organização pode ser estruturada. Os textos têm como conteúdo experiências documentadas de organizações de bibliotecas que possuem acervos de quadrinhos, além de pesquisas realizadas por estudiosos da área.

Entre as literaturas utilizadas nesta parte da pesquisa, destaca-se os relatos dos trabalhos de organização da Gibiteca Henfil, em metodologia de Hugo Leonardo Abud (2012) e o artigo de Rubem Borges Teixeira Ramos e Josylene Souza Pereira Miranda (2013), que descreve como ocorreu o tratamento técnico e organização do acervo de quadrinhos da Gibiteca Estadual Jorge Braga.

#### 2.4.1 Organização/separação por tipos, faixa etária, coleções

Ao organizar os acervos de quadrinhos para colocá-los à disposição de seus públicos, faz-se necessária a observação de como as obras devem estar dispostas, respeitando suas particularidades.

Devido a variedade de tipologias, discernir cada uma delas no acervo é imprescindível para que não exista confusão por parte dos usuários. Muitas obras, vistas apenas por suas lombares ou capas podem induzir ao pensamento de que são todas iguais, pode-se confundir álbuns com *graphic novels* ou quadrinhos periódicos, que são materiais bastante parecidos, por exemplo.

Desta forma, a separação pode ser feita por cada tipo: uma seção/parte/prateleira para mangás, uma para quadrinhos comuns, outra para as *graphic novels* e assim sucessivamente.

Assim como a separação por tipos de materiais, manter os conjuntos de variações e/ou volumes dos mesmos títulos também se mostra como uma opção mais viável e organizada para os acervos. Manter próximos os quadrinhos de

mesmas séries, ‘universos’ e suas publicações derivadas (os *spin-offs*) facilita a busca por parte dos leitores.

Apesar da usual, e um tanto preconceituosa, associação de quadrinhos ao público infantil, atualmente é observável, principalmente por suas características e diversidade de autores, temáticas, tipologias, entre outros, que esse tipo de material é destinado para todos os públicos. Desta forma, pode existir em um mesmo acervo: quadrinhos infantis, eróticos, de terror, violências, históricos, humorísticos, de aventura e assim por diante.

Sendo assim, e levando-se em consideração o fato de as bibliotecas, especialmente as públicas e excetuando as especializadas, receberem todos os tipos de públicos, faz-se necessária uma organização física que leve em consideração esses fatores.

Por exemplo, em bibliotecas que recebem públicos infantis e juvenis, obras de conteúdo mais adulto, tais quais quadrinhos eróticos, de terror, ou aqueles com muita violência gráfica, devem ter seu acesso mais restrito com relação aos demais itens. Da mesma forma que quadrinhos infantis devem manter-se em evidência, e serem alocados em partes mais baixas das prateleiras.

No projeto de organização de Ramos e Miranda (2013), para o acondicionamento das obras, houve a determinação de que os quadrinhos seriam separados de acordo com seus gêneros, em ordem alfabética, cronológica e numérica.

#### 2.4.2 Catalogação

A catalogação, quando inserida no contexto dos quadrinhos, mostra-se imprescindível para a busca, recuperação e acesso aos documentos (Pavarina; Zafalon; Barboza, 2021).

Para as autoras Pavarina, Zafalon e Barboza (2021), a catalogação de histórias em quadrinhos não pode realizar-se utilizando de métodos indeterminados e instrumentos generalizados, pois estes não atendem às especificidades desses materiais. Ainda segundo Pavarina, Zafalon e Barboza (2021 *apud* Son, 2014):

É fundamental reconhecer, no desenvolvimento de diretrizes para elaboração de catálogos de quadrinhos, que elementos descritivos aplicáveis na catalogação de coleções gerais não devem ser considerados, haja vista suas características distintas.

O fato de os quadrinhos serem compostos por códigos escritos e imagéticos deve ser levado em consideração durante a catalogação, pois além da demanda de conhecimento do conjunto como um todo, o profissional da informação deve entender ambos os elementos de forma separada também (Pavarina; Zafalon; Barboza, 2021).

Sendo, assim, Pavarina, Zafalon e Barboza (2021) destacam que:

no que diz respeito à representação de histórias em quadrinhos, faz-se necessário que os profissionais que trabalham com esse recurso, não se limitem a utilizar os instrumentos de catalogação da mesma maneira que são utilizados para recursos como livros (Pavarina; Zafalon; Barboza, 2021).

Entre os elementos presentes nos quadrinhos passíveis de serem utilizados tanto na catalogação como na recuperação do documento, pode-se citar: legendas, diálogos e outras manifestações verbais. Além disso, esses elementos são também podem ser utilizados para a compreensão do contexto da história (Pavarina; Zafalon, 2022).

Ao organizar a Gibiteca Henfil, localizada em São Paulo, uma das maiores do país, com cerca de 10 mil títulos e 130 mil exemplares, Hugo Leonardo Abud (2012), desenvolveu uma metodologia para padronizar e normalizar a catalogação das histórias em quadrinhos.

Com relação à catalogação em si, Abud (2012) utilizou do capítulo 2 da AACR2 como referência principal. Para o autor, a entrada principal deve-se dar pelo roteirista, apesar de existirem bibliotecas que optam por incluir o ilustrador como entrada principal,

no manual foi convencionado que a entrada principal é pelo autor, roteirista ou adaptador do texto conforme o AACR2. Muitas HQs possuem diversos autores, nestes casos deve-se adotar conforme a ordem de autores na folha de rosto ou na capa, mencionando no máximo até três autores (Abud, 2012).

Em casos de coletâneas, as entradas principais são realizadas pelos títulos: “em coletâneas de HQs, com vários autores e com um título coletivo a entrada principal deverá ser pelo título e as secundárias para o autor da primeira história”.

Já na catalogação realizada por Ramos e Miranda (2013), em primeiro lugar, os autores realizaram pesquisa dos materiais *site* Guia dos Quadrinhos, considerado como uma das maiores fontes de informação em português a respeito de todos os

quadrinhos publicados no país. Para a catalogação, foram utilizados os seguintes dados:

título (seguido da numeração correspondente à revista publicada), a editora, o local e o ano de publicação, o número de páginas de cada revista, sua dimensão, volume e gênero dentro do universo de quadrinhos a que pertence, a forma com que a Gibiteca Jorge Braga adquiriu aquele exemplar, o seu valor, a sua situação física presente, a seção onde a revista será alocada e a coleção e série a que pertence (quando for este o caso a ser mencionado) (Ramos; Miranda, 2013).

As catalogações de Ramos e Miranda (2013) foram realizadas na base de dados *Arches Lib* (sistema gerenciador de informações utilizado na instituição).

### 2.4.3 Indexação

O trabalho de indexação de quadrinhos pode ser apoiado com base em pesquisas de análise documentária e indexação de imagens, que costumam analisar fotografias, pois a indexação de imagens apresenta questões similares à indexação de histórias em quadrinhos devido à sua linguagem sincrética (Pavarina; Zafalon, 2022).

Assim, para as autoras, “as histórias em quadrinhos podem recorrer à literatura de imagens fixas e de imagens em movimento com vistas ao desenvolvimento de métodos específico de leitura e de análise de assunto que propiciem a sua recuperação.” (Pavarina; Zafalon, 2022).

Segundo Abud (2012), “A indexação de histórias em quadrinhos é geralmente determinada pela sua forma (suporte informacional) e não pelo seu conteúdo propriamente dito”.

### 2.4.4 Classificação

Primeiramente, com relação à Classificação, ressalta-se a observação feita por Souza e Toutain (2010), “cabe recordar que nas tabelas de classificação CDD e CDU, o termo quadrinhos (comics, na versão inglesa) está inserido em Artes, apesar de teóricos defenderem as histórias em quadrinhos como uma forma de literatura.”

Ao utilizar a tabela CDU, a classificação utilizada pelas bibliotecas na qual os quadrinhos costumam ser registrados encontra-se na categoria “7”, utilizada para arte (ARTE. RECREAÇÃO. ENTRETENIMENTO. DESPORTO).

A partir do “7”, a CDU, subdivide-se em “741.5”, categoria denominada “Caricaturas. Cartoons. Desenhos satíricos e humorísticos”.

Assim, a CDU não possibilita aos quadrinhos serem classificados a partir de seu conteúdo escrito, apenas são levados em consideração seus aspectos imagéticos, pois a categoria 741 é utilizada para designar Desenho em geral. A característica híbrida dos quadrinhos, que mesclam textos escritos e imagens, neste caso, não é levada em consideração.

Com relação à classificação, Abud (2012), em sua metodologia explica que a classificação adotada por ele: é o que se chama de ‘Classificação não convencional’, ou seja, uma classificação criada e adaptada pela instituição com intuito de facilitar a organização e o acesso ao acervo.

A classificação em CDD de número 741.5 foi utilizada por Abud somente para designar a parte “Teoria de HQs”.

Na etapa de classificação de Ramos e Miranda (2013), definiu-se:

que a classificação deve conter a abreviatura da palavra ‘História em Quadrinhos’ (HQ), seguido do título do gibi mais o seu respectivo número, o gênero a que cada revista se enquadra, o número de tomo da revista (a ser gerado pelo sistema) e o seu mês e ano de publicação (RAMOS; MIRANDA, 2013).

Assim, a classificação realizada para a Gibiteca Estadual Jorge Braga pode ser exemplificada conforme modelo elaborado pelos autores:

**Figura 16 – Modelo da Etiqueta dos Gibis**



Fonte: Ramos; Miranda, 2013

Das duas classificações observadas, percebe-se que para que essas se adequassem aos quadrinhos precisou-se proceder a adaptações das classificações tradicionais (CDD e CDU), conforme explicado por Abud (2012): “geralmente estas

classificações são criadas para cobrir uma demanda específica que as classificações convencionais, tais como CDD e CDU, não atendem.”

### 3 METODOLOGIA

Para Cervo, Bervian e Silva (2007), o método não pode ser definido como um modelo, fórmula ou receita que levam diretamente aos resultados almejados. O método científico é apenas um instrumento de trabalho e o resultado depende de quem está o conduzindo. Nesse sentido, os autores conceituam método como

a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado. Nas ciências, entende-se por método como o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Ainda segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), o método é composto pelas diversas etapas que devem ser seguidos para a realização da pesquisa. Ademais, os objetos de investigação são fatores determinantes do tipo de método a ser empregado.

Mascarenhas (2017), define metodologia como um meio utilizado para explicar tudo o que foi feito durante um estudo. Para o autor, “o objetivo é descrever o método, os participantes, o tipo de pesquisa e os instrumentos utilizados (como entrevistas e questionários), entre outras coisas”.

A escolha dos métodos adequados para coletar e analisar os dados é imprescindível para o sucesso da pesquisa (Flick, 2013).

#### 3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa científica, conforme Cervo, Bervian e Silva (2007), pode ser descrita como “uma atividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio do emprego de processos científicos”.

Appolinário (2006), trata as dimensões da pesquisa científica como preponderantemente qualitativas ou quantitativas. Ainda segundo este autor, a pesquisa qualitativa caracteriza-se como “a que prevê a coleta de dados a partir de interações sociais do pesquisador com o fenômeno pesquisado.”

Já quanto ao tipo de pesquisa, Appolinário (2006), aborda que a pesquisa deve possuir uma estrutura básica de investigação, que pode ser descritiva ou experimental. Neste caso, uma investigação descritiva “busca descrever uma realidade, sem nela intervir.”

E em complemento a essas, Cervo, Bervian e Silva (2007), acrescentam também o tipo de pesquisa bibliográfica.

Como o objetivo geral do trabalho é fazer uma análise dos trabalhos realizados em bibliotecas públicas, e os objetivos específicos são identificar e descrever as características e formas de organizar os quadrinhos, assim como identificar trabalhos na área que abordam esses materiais, a pesquisa de cunho qualitativo e do tipo descritiva mostram-se como mais adequadas para os propósitos tencionados neste trabalho e para o alcance dos objetivos propostos.

Para Cervo, Bervian e Silva (2007), a principal característica da pesquisa descritiva é que nesta há a observação e análise dos fatos sem a manipulação destes, “procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características”.

Quanto à sua forma, a pesquisa descritiva pode ser: estudos descritivos, pesquisa de opinião, pesquisa de motivação, estudo de caso e pesquisa documental (Cervo; Bervian; Silva, 2007).

No que se refere ao estudo de caso, destaca-se que uma das principais características dessa modalidade diz respeito ao fato de que o estudo de caso possibilita a realização de um estudo com maior profundidade, especialmente se comparado com os outros tipos de pesquisa.

Para Gil (2021), o estudo de caso:

leva em consideração o contexto em que ocorre o fenômeno, diferentemente de outros delineamentos, como o experimento e o levantamento de campo, que deliberadamente reduzem a quantidade de variáveis a serem estudadas e, conseqüentemente, isolam o fenômeno de seu contexto (Gil, 2021)

Apesar de os estudos de casos se caracterizarem como modalidades mais flexíveis, Gil (2021) descreve as etapas que apresentam-se mais comumente nesses estudos, sendo elas:

- a) Reconhecimento da adequação do estudo de caso;
- b) Seleção do(s) caso(s);
- c) Coleta de dados; e
- d) Análise de dados (Gil, 2021).

Para a etapa de coleta dos dados e da escolha das técnicas de coleta de dados, ressalta-se que essas também devem ser adequadas ao tipo da pesquisa.

Entre os instrumentos de coleta de dados mais usuais, cita-se a entrevista, o questionário e o formulário (Cervo; Bervian; Silva, 2007).

Em relação à entrevista, ressalta-se que é uma técnica de coleta de informações diretamente através das pessoas, na qual o pesquisador obtém dados mais profundos e coniventes com a realidade (Rosa; Arnoldi, 2006).

A entrevista, por sua vez, pode ser subdividida de acordo com o nível de estruturação e roteiro de suas questões, sendo suas subdivisões as seguintes (Rosa; Arnoldi, 2006):

- a) Estruturada;
- b) Semiestruturada; e
- c) Livre.

As entrevistas estruturadas utilizam-se de questões fechadas, que seguem uma sequência padronizada, já as semiestruturadas possuem estrutura mais flexível, que permite ao entrevistado expor seus pensamentos, sendo a única exigência a manutenção de um roteiro de tópicos selecionados. Por fim, as entrevistas livres são aquelas que ocorrem através de relatos orais, que dispensam uma lista de perguntas abertas (Rosa; Arnoldi, 2006).

Nesse sentido, para este trabalho, a pesquisa qualitativa, na modalidade de estudo de caso mostra-se como a mais adequada para a mensuração das informações demandadas pelo tema e problema propostos. Ademais, para subsidiar a coleta de dados, realizou-se pesquisa bibliográfica, além de entrevistas semiestruturadas com bibliotecários que trabalham com quadrinhos em seus acervos.

### 3.2 Coleta de Dados

Gil (2021), define a coleta de dados como um processo, que implica, entre outros, a escolha dos indivíduos e do local dos eventos a serem registrados, a identificação dos procedimentos mais adequados para a obtenção dos dados, a definição da estratégia de amostragem e a preparação dos meios para registrar as informações.

Segundo Flick (2013), a escolha dos participantes ocorre de forma proposital e envolve pequenos números de casos, de acordo com a relevância. Ao responder às questões elaboradas, espera-se que os participantes as respondam espontaneamente, com suas próprias palavras.

No que diz respeito ao modo como os participantes entendem as pesquisas qualitativas, Flick (2013), define que “a situação de pesquisa é concebida mais como um diálogo, em que a sondagem, novos aspectos e suas próprias estimativas encontram o seu lugar”.

Assim, em um primeiro momento, houve a escolha dos indivíduos e locais dos eventos a serem registrados. Como o problema escolhido e o objetivo geral restringem-se ao escopo das bibliotecas públicas, foram escolhidas duas bibliotecas do Distrito Federal que atendessem aos seguintes critérios: relevância e possuírem acervos compostos por histórias em quadrinhos.

Na escolha das bibliotecas também levou-se em consideração as gestões responsáveis pela administração das bibliotecas, o que possibilitou conferir uma diversidade maior nos resultados e dados. Desta forma, a pesquisa pôde ser realizada em uma biblioteca administrada pelo Governo do Distrito Federal e outra pelo Governo Federal.

Os indivíduos escolhidos, por sua vez, deveriam, imprescindivelmente, ser bibliotecários responsáveis pelo tratamento, organização e disponibilização desses materiais.

Para a obtenção dos dados utilizou-se de entrevistas semiestruturadas com bibliotecários, cujas perguntas encontram-se disponíveis no apêndice A. As perguntas que compunham a parte estruturada foram divididas em duas partes, a saber: organização física e acesso e representação. Após as entrevistas foram realizadas visitas aos espaços destinados para os quadrinhos das bibliotecas escolhidas.

### 3.3 Perfil das Bibliotecas

Ambas as bibliotecas estão localizadas no centro de Brasília, sendo uma gerida pelo governo local e outra pelo governo Federal, e possuem um vasto acervo de quadrinhos.

A Biblioteca Nacional de Brasília, localizada no Conjunto Cultural da República, aberta ao público em 2008, foi idealizada por Lúcio Costa, no plano original da capital e teve seu projeto elaborado por Oscar Niemeyer.

A BNB, em sua estrutura, possui um espaço próprio destinado aos quadrinhos e jogos, o Espaço *Geek*, nele é possível encontrar quadrinhos, mangás, revistas com temática *geek*, jogos de tabuleiro, computadores e videogames. O acervo *geek* é composto por cerca de 1288 títulos em quadrinhos.

A Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, inaugurada em 1970, é mantida pelo Governo Federal, através do Ministério da Cultura (MinC) e integra o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), e localiza-se na Asa Sul. No ano de 2018, a biblioteca fechou para uma reforma no local, permanecendo em obras por um período de 8 anos, sendo reaberta ao público no segundo semestre de 2022. Durante as obras, os livros foram acondicionados em caixas, sendo devolvidos ao acervo após a conclusão das obras.

Anteriormente, a BDB possuía um espaço próprio para o acondicionamento dos quadrinhos, a antiga Gibiteca Jô Oliveira, porém após a reforma de 2018, o espaço foi retirado por questões de falta de acessibilidade. Atualmente esses quadrinhos encontram-se disponíveis no acervo da biblioteca, espalhados em pontos diferentes do local.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira das entrevistas foi realizada no mês de julho de 2024 e ocorreu na Biblioteca Nacional de Brasília (BNB), com o bibliotecário responsável pelo setor de catalogação e responsável pela elaboração do Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos e Jogos da Biblioteca Nacional de Brasília.

Já a segunda entrevista, ocorreu no mês de agosto de 2024, na Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles (BDB), na qual a bibliotecária responsável pelo setor de Catalogação respondeu às questões.

A partir das questões formuladas, prosseguiu-se à entrevista semiestruturada, que também possibilitou a formulação de outras perguntas não previstas no questionário original, mas que surgiram de acordo com os temas tratados durante a conversa e que se mostravam adequadas ao contexto dos assuntos da entrevista. As perguntas que compõem o seguimento estruturado procuram elucidar como os quadrinhos são tratados e organizados, desde o momento de introdução destes no acervo até a disponibilização em prateleiras e uso e/ou empréstimos aos usuários.

### 4.1 Organização Física e Acesso

A Biblioteca Nacional de Brasília, dispõe em seu espaço *geek* mangás, gibis, *graphic novels*, já os quadrinhos voltados para as crianças, tais como Turma da Mônica, Menino Maluquinho entre outros, localizam-se no espaço infantil. De todos os itens que fazem parte do acervo, apenas os álbuns de figurinhas não são emprestados.

Devido ao fato de que as obras vão a empréstimo na BNB, as informações estatísticas de livros emprestados são registradas, porém esses números não foram obtidos durante a entrevista, apenas a informação de que a partir das listagens de itens mais emprestados, os mangás estão em primeiro lugar, não apenas do espaço *geek*, como da biblioteca como um todo.

A busca pelos documentos pode ser realizada de três formas na BNB, diretamente no balcão, diretamente nas estantes ou por meio do sistema, a biblioteca disponibiliza computadores com acesso ao sistema para que os usuários possam realizar a pesquisa. O sistema de gerenciamento de informações utilizado

na instituição é o *Sophia*<sup>3</sup>, que possibilita a consulta de todo o acervo de forma online.

A organização dos materiais nas estantes do espaço *geek* obedecem a um critério importante: a separação dos materiais encadernados dos outros tipos de quadrinhos, especialmente os periódicos. Segundo o entrevistado, separar os quadrinhos periódicos dos outros os ajudam a se manterem conservados, pois se acondicionados juntos aos encadernados eles ficam mais suscetíveis a danos, porque os encadernados pesam e podem amassar os demais gibis.

A pergunta seguinte também abordava a questão da conservação dos quadrinhos. Das hqs do acervo, o tipo que se desgasta mais são os quadrinhos periódicos, os gibizinhos, porém, apesar de esses quadrinhos estarem mais suscetíveis aos danos, nos foi relatado que o volume de hqs danificados não é muito grande. Um dos motivos pelos quais não há muita avaria dos gibis deve-se ao fato de que a maior parte deles não vai a empréstimo, geralmente os materiais são lidos na biblioteca. Em caso de danos, a biblioteca tem em seu corpo de servidores, uma profissional responsável pela restauração dos livros.

A última questão concernente à organização física dos itens do espaço *geek* consistia em averiguar se havia separação no local por tipo de quadrinho. Dessa forma, os materiais podem ser incluídos em quatro coleções, a saber: HQ, HQENC, COGEEK e MANGÁS, sendo a primeira voltada para as hqs periódicas e a segunda, para os encadernados. Essa diferenciação é feita com o objetivo de manter a conservação dos hqs mais frágeis.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.bnb.df.gov.br/>>

**Figura 17 – Gibis na Biblioteca Nacional de Brasília**



Fonte: Elaboração própria (2024)

**Figura 18 – Gibis na Biblioteca Nacional de Brasília**



Fonte: Elaboração própria (2024)



Fonte: Elaboração própria (2024)

Em relação à organização física dos quadrinhos da Biblioteca Demonstrativa, a situação mostrou-se mais sensível. A primeira pergunta da entrevista, cujo objetivo principal era saber quantos quadrinhos compunham o acervo da biblioteca, não pôde ser respondida, pois a maior parte dos quadrinhos não estão registrados no sistema de gerenciamento de informações, sendo assim, esse controle não consegue ser realizado, o que ocasiona uma imprecisão dos dados informados. A bibliotecária entrevistada ressaltou o fato de que antes das obras o acervo era maior, que neste processo muitos quadrinhos foram doados para outras bibliotecas, assim como alguns mobiliários que os acondicionavam.

Ao perguntar a respeito do fato de os quadrinhos não estarem registrados no sistema da biblioteca e qual motivo impossibilita essa incorporação, a bibliotecária explicou que atualmente é a única no corpo de servidores que realiza a catalogação de toda a biblioteca e que os livros recém chegados a biblioteca estavam como prioridade de catalogação e inserção no acervo.

Assim, não houve tempo para incluí-los nas etapas de catalogação e classificação, uma alternativa para não deixá-los encaixotados e indisponíveis foi disponibilizar os quadrinhos independentemente de estes estarem representados tecnicamente. Em uma perspectiva futura em um cenário no qual a biblioteca poderá contar com mais bibliotecários, existe a pretensão de realizar o tratamento adequado para esses materiais.

Um dos fatores dos desafios da organização física relatados durante a entrevista é a ausência do mobiliário adequado para o acondicionamento dos materiais. A bibliotecária explicou que formalizou a solicitação de compra de estantes para os setores responsáveis, porém até o momento da entrevista ela não havia obtido retorno quanto ao pedido. A compra de novas estantes é vista pela bibliotecária como um fator importante para a melhor adequação dos quadrinhos, pois os quadrinhos necessitam de um local adequado, especialmente os que são em formato de revista, mais frágeis do que os mangás e as *graphic novels*. Quando a obtenção dos mobiliários concretizar-se, ela pretende colocá-los em um outro local da biblioteca, no qual eles ficariam destacados.

Em virtude de os quadrinhos não estarem catalogados no sistema da biblioteca, eles apenas foram disponibilizados no acervo, sendo um único ordenamento realizado, de forma simples, por ordem alfabética dos títulos, principalmente os das revistas de heróis. Assim, caso um usuário procure no setor de referência por alguma obra específica, pode ser que a busca deva ser feita diretamente no acervo. Desta forma, os quadrinhos da BDB atualmente não encontram-se disponíveis para empréstimo, sendo o seu uso somente para a leitura no local.

Nesse contexto, ressalta-se que de todos os quadrinhos do acervo, apenas as *graphic novels* passaram por todas as etapas de tratamento técnico na biblioteca, desta forma, eles encontram-se no acervo, disponíveis para empréstimo. Esses quadrinhos foram acondicionados juntamente com os livros de artes.

Como os quadrinhos, especialmente os periódicos e os mais antigos são produzidos com materiais de pouca qualidade e mostram-se sensíveis e pouco resistentes ao uso, também foi elaborada uma questão referente a questões como o manuseio e conservação das hqs. Desta forma, a informação obtida é que anteriormente às obras do local, havia um profissional responsável por esse controle, que verificava frequentemente o acervo e averiguava o estado dos gibis, se esses apresentavam-se danificados, eram prontamente substituídos por outros, algumas vezes pelo mesmo quadrinho, outras, por um que fosse equivalente. Porém, atualmente, esse controle deixou de acontecer, em virtude de o profissional não fazer mais parte do corpo de servidores da biblioteca, devido a sua aposentadoria.

Entre os quadrinhos que compõem o acervo da BDB foi possível verificar a existência de mangás, gibis, e *graphic novels*. Os gibis infantis, encontram-se separados dos demais, em uma prateleira localizada junto à seção de livros infantis.

Em uma prateleira próxima a entrada da biblioteca, e antes do espaço nos quais os quadrinhos estão acondicionados, também estão localizados alguns outros hqs, colocados como forma de destaque para o acervo, porém também sem seguir a algum critério específico.

Apesar de existir uma prateleira própria para mangás no acervo, verificou-se que alguns deles encontravam-se misturados juntos aos quadrinhos comuns. Na

prateleira, estão algumas coleções de mangás, assim como uma coleção de mangás em japonês, fruto de uma doação realizada pela Embaixada do Japão.

Entre os temas abordados na entrevista que não encontravam-se no roteiro estruturado houve perguntas em relação aos quadrinhos de conteúdo adulto, que abrangem os eróticos, os pornográficos, compostos por cenas de sexo explícito, os de temáticas adultas, como uso de drogas, e os violentos, por exemplo.

Na BNB, o bibliotecário ressaltou que por mais que o espaço *geek* possa ter um apelo infantil, o ambiente não possui como público alvo as crianças, para isso existe o espaço infantil na biblioteca. Essa diferenciação ocorre em virtude de muitos dos quadrinhos do acervo serem voltados para um público adulto, com forte teor violento e erótico. Apesar de existirem obras eróticas nas estantes, nem todos os quadrinhos compostos por cenas de sexo entraram no acervo. Nesse contexto, o entrevistado explicou que há um receio em deixar no espaço quadrinhos muito explícitos ou mangás eróticos compostos por personagens infantilizados. Para ele, é uma decisão que poderia gerar polêmica.

Já na Biblioteca Demonstrativa, os quadrinhos adultos não são alocados junto aos demais quadrinhos, devido ao fato de que a maior parte deles são voltados aos públicos juvenis. Os quadrinhos adultos registrados até o momento foram colocados no acervo geral (possivelmente tratam-se de *graphic novels*, conforme deu-se a entender a partir de informação relatada pela entrevistada). Futuramente, ao registrar os demais quadrinhos, o mesmo critério deverá ser seguido, de incluir os materiais com restrição de idade juntos aos encadernados e às *graphic novels*, no acervo geral da biblioteca.

**Figura 20 – Estante de gibis na Biblioteca Demonstrativa de Brasília**



Fonte: Elaboração própria (2024)

**Figura 21 – Estante de mangás na Biblioteca Demonstrativa de Brasília**



Fonte: Elaboração própria (2024)

**Figura 22 – Gibis na Biblioteca Demonstrativa de Brasília**



Fonte: Elaboração própria (2024)

**Figura 23 – Gibis em estante na Biblioteca Demonstrativa de Brasília**



Fonte: Elaboração própria (2024)

## 4.2 Representação

Na Biblioteca Nacional, primeiramente, é preciso ressaltar que na representação, todos os tipos de quadrinhos são catalogados no sistema e registrados como se fossem livros. As tiras e charges também foram registradas juntamente com os outros tipos de quadrinhos.

A catalogação, por ser feita tal qual livros, é realizada pelos roteiristas, no campo 100 – Entrada Principal – Nome Pessoal. Os ilustradores/artistas entram como entrada secundária, na indicação de responsabilidade, campo 245, subcampo c e 700. Nas minisséries compostas por até três autores, a entrada principal continua sendo por autor. Todos os quadrinhos do espaço entram como autor, exceto nos periódicos.

A entrada principal dos periódicos é feita pelo título. Nesse caso, não há o preenchimento do campo 100. Como a entrada principal é feita pelo título, as indicações de autoria (roteirista) e ilustrador são feitas como entradas secundárias em MARC no campo de número 700.

Os termos “personagem fictício” e “personagens fictícios” são cadastrados no campo 650 – “Assunto – Tópico”. No campo 245, o bibliotecário explica que foi utilizado o termo “texto”.

Posto isso, para ilustrar como os registros se apresentam no catálogo online, trouxemos o exemplo da *graphic novel* brasileira Angola Janga, de Marcelo D'Saete. Nos detalhes gerais da obra, há, entre outras, as seguintes informações: título, número de classificação, notação de autor, notas, assuntos.

**Figura 24 – Registro de *Graphic Novel* em sistema da Biblioteca Nacional de Brasília**

Detalhes da obra		
	Inf. publicação	Quadrinhos - Português
	ISBN	9788595710139
	Número de chamada	
	Classificação	741.5(81)
	Notação	D811a
	Ent. princ.	D'Salete, Marcelo, 1979- 
	Título	<b>Angola Janga [texto] : uma história de Palmares / Marcelo D'Salete.</b>
	Imprenta	São Paulo, SP : Veneta, 2017.
	Desc. física	430 p. : il. ; 24 cm.
	Notas	
	Gerais	Subtítulo retirado da capa
	Gerais	Livro possui selo Maria Firmina dos Reis.
	Bibliográficas	Inclui glossário e bibliografia
	Assuntos	<ol style="list-style-type: none"> <li>História em quadrinhos - Brasil </li> <li>Negros no Brasil - história </li> <li>Quilombo dos Palmares (1630-1695) - Brasil - história </li> <li>Escravidão - Brasil - história </li> </ol>
Link do título	<a href="http://www.bnb.df.gov.br/sophia/index.php?codigo_sophia=32869">http://www.bnb.df.gov.br/sophia/index.php?codigo_sophia=32869</a>	

Fonte: Elaboração própria (2024)

O registro em MARC teve como entradas os seguintes campos: 080; 090; 100; 245; 260; 300; 500; 504; 650, entre outros.

**Figura 25 – Registro de *Graphic Novel* em MARC em sistema da Biblioteca Nacional de Brasília**

Detalhes	MARC tags	Dublin Core
<b>MARC tags</b>		
000	nam 22 a 4500	
001	000032869	
003	BR-BrBN	
005	20221118141923.0	
008	200219s2017 bl a gr6 000 1 por	
020	_  a 9788595710139	
040	_  a BR-BrBN  b por  c BR-BrBN  d BR-BrBN	
043	_  a s-bl---	
080	_  2 2007  a 741.5  x (81)	
090	_  a 741.5(81)  b D811a	
100	1_  a D'Salete, Marcelo  d 1979-	
245	10  a Angola Jangá :  b uma história de Palmares /  c Marcelo D'Salete.  h [texto]	
260	_  a São Paulo, SP :  b Veneta,  c 2017.	
300	_  a 430 p. :  b il. ;  c 24 cm.	
500	_  a Subtítulo retirado da capa	
500	_  a Livro possui selo Maria Firmina dos Reis.	
504	_  a Inclui glossário e bibliografia	
650	14  a História em quadrinhos  z Brasil	
650	14  a Negros no Brasil  x história	
650	14  a Quilombo dos Palmares (1630-1695)  z Brasil  x história	
650	14  a Escravidão  z Brasil  x história	
990	_  a Quadrinhos	

Fonte: Elaboração própria (2024)

Por fim, o último registro disponível refere-se ao *Dublin Core*, que por sua vez, teve os seguintes dados preenchidos: título, autor, objeto, descrição, editora, ano de publicação, tipo, formato, identificadores, linguagem e relação.

**Figura 26 – Registro de *Graphic Novel* em *Dublin Core* em sistema da Biblioteca Nacional de Brasília**

Detalhes		MARC tags	Dublin Core
Dublin Core			
<b>title</b>	Angola Janga : uma história de Palmares		
<b>creator</b>	D'Salete, Marcelo, 1979-		
<b>subject</b>	741.5		
<b>subject</b>	História em quadrinhos - Brasil		
<b>subject</b>	Negros no Brasil - história		
<b>subject</b>	Quilombo dos Palmares (1630-1695) - Brasil - história		
<b>subject</b>	Escravidão - Brasil - história		
<b>description</b>	Subtítulo retirado da capa		
<b>description</b>	Livro possui selo Maria Firmina dos Reis.		
<b>description</b>	Inclui glossário e bibliografia		
<b>publisher</b>	Veneta		
<b>date</b>	2017		
<b>type</b>	Quadrinhos		
<b>format</b>	430 p. : il. ; 24 cm.		
<b>identifier</b>	9788595710139		
<b>identifiser</b>	<a href="http://www.bnb.df.gov.br/sophia/index.php?codigo_sophia=32869">http://www.bnb.df.gov.br/sophia/index.php?codigo_sophia=32869</a>		
<b>language</b>	Português		
<b>relation</b>	Cover: <a href="http://www.bnb.df.gov.br/sophia/php/capa.php?obra=32869">http://www.bnb.df.gov.br/sophia/php/capa.php?obra=32869</a>		

Fonte: Elaboração própria (2024)

A indexação por assuntos também é realizada pelos bibliotecários na BNB, a indexação utilizada é a pós-coordenada. Entre os termos utilizados, estão: história em quadrinhos, o país dos quadrinhos e o nome dos personagens. Nos mangás, por sua vez, são indexados os termos história em quadrinhos e a subdivisão geográfica. As charges também recebem termos diferentes na indexação, como o próprio termo “charge”. Além dessas, é realizada também a recuperação pelo tipo de material, nesse caso, o termo escolhido foi: “quadrinho”.

No que diz respeito à classificação dos itens do acervo, houve, em um primeiro momento, dúvidas de como seria feita. Por fim, foi decidido que, devido ao fato de a BNB utilizar a Classificação Decimal Universal (CDU), os quadrinhos devem receber a notação 741.5 (Caricaturas. Cartoons. Desenhos satíricos e humorísticos) combinada com o uso das tabelas auxiliares da CDU. A classificação das charges políticas recebeu a notação 741.5:32, de caricaturas políticas.

As *graphic novels* mais autorais, como *Maus* ou *Persépolis*, por exemplo, recebem a seguinte notação: 741.5, seguida da numeração referente ao país do autor, entre parênteses e do número de Cutter do autor.

Porém, as hqs de heróis ou franquias famosas, que muitas vezes possuem autorias diversas, recebem uma classificação diferente. Nesses casos, não ocorre a

numeração referente ao país do autor: somado ao número 741.5, é incluída a nomenclatura desses personagens/franquias, para isso, os bibliotecários utilizam as tabelas auxiliares. No caso de revistas de que unem mais de um herói, ou de heróis menos conhecidos, são utilizadas as nomenclaturas das editoras, como é o caso da Marvel e DC *Comics*. Por exemplo, um quadrinho do Batman é classificado como 741.5 BATMAN, já um quadrinho da Marvel que seja formado por vários heróis ou heróis menos conhecidos é classificado como 741.5 MARVEL.

Durante a entrevista, o bibliotecário ressaltou que um dos principais suportes que eles têm para fazer a representação dos quadrinhos é o *site* Guia dos Quadrinhos. Em casos de dúvidas em relação aos materiais, eles recorrem às informações registradas no guia.

Entre os desafios na criação do espaço *geek* e do manual de catalogação, o entrevistado mencionou a pouca quantidade de trabalhos escritos na área, a representação das publicações periódicas e os registros das autoridades. Segundo o bibliotecário, os profissionais que não estão acostumados com os quadrinhos mostram-se receosos em representar as hqs.

Como fonte de informação na área da literatura, houve a menção aos trabalhos de Waldomiro Vergueiro, Bibliotecário e Professor da Universidade de São Paulo (USP), além de fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos, da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP). Outro meio de suporte que o bibliotecário utilizou em seus trabalhos foi o manual de catalogação elaborado pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UNB), a biblioteca da Universidade possui um espaço POP, voltado para quadrinhos e jogos.

Os desafios em relação aos periódicos, segundo o entrevistado, residem no fato de que muitos deles foram publicados como séries e identificar quais são as ordenações dessas séries não é simples, porque as informações a respeito ficam muito dispersas, o que demanda uma pesquisa a parte. Em relação à numeração desses periódicos também há divergências, pois a depender da série, um quadrinho de mesmos personagens/títulos recebe novas numerações em anos diferentes, a partir de novas linhas ou mudanças editoriais. Nesses casos, a solução é procurar as informações no Guia dos Quadrinhos.

Uma objeção no que diz respeito às autoridades refere-se ao fato de que muitos autores, especialmente os menos notórios, possuem nomes comuns, o que demanda uma pesquisa mais detalhada, para que o nome incluído seja de fato o pertencente ao segmento dos quadrinhos. Essa busca é feita no sistema da Biblioteca Nacional (FBN), e quando o resultado não é encontrado, recorrem-se à *Library of Congress* (LOC).

O entrevistado acredita que os seguintes pontos poderiam ser melhorados em sua biblioteca: primeiramente, se os periódicos estivessem encadernados, o que facilitaria no armazenamento, empréstimo e conservação dos materiais, outra melhoria seria a respeito das quatro subcoleções criadas no acervo, que, para ele, são muitas, com uma a menos ficaria mais fácil para o usuário encontrar os materiais no espaço e por fim, a última melhoria ocorreria na indexação dos mangás, que deveria ser feita em separado dos demais itens, porque nesse caso, o termo mangá aparece como uma remissiva apenas e não como termo principal.

Como comentário final, o entrevistado destacou a importância de existir um espaço próprio para quadrinhos e jogos dentro da Biblioteca Nacional, para ele, o local gera uma visibilidade para os materiais, os destaca. Segundo pesquisas realizadas pelo bibliotecário, o número de empréstimos dos quadrinhos aumentou após a criação do espaço *geek*.

Em relação à BDB, e conforme o explicitado anteriormente no segmento referente à organização física, a representação dos quadrinhos não é realizada, porém ressalva-se os materiais encadernados e as *graphic novels*. Atualmente, na BDB utiliza-se o sistema *Koha*<sup>4</sup> para a catalogação dos materiais.

Ao realizar as perguntas do questionário concernentes às etapas de catalogação, classificação e indexação, obtive a resposta de que na biblioteca os quadrinhos não passaram por essa fase, à exceção dos quadrinhos encadernados e *graphic novels*.

Quadrinhos como *Maus*, *Persépolis*, *Um Contrato com Deus* e *Caravaggio*, entre outros, foram catalogados no sistema tais como livros. Para descrever como a catalogação foi realizada pela biblioteca foi escolhida a mesma *graphic novel* utilizada para exemplificar a catalogação da BNB: *Angola Janga: uma história de*

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://opac.bdb.koha.cultura.gov.br/cgi-bin/koha/opac-main.pl> >

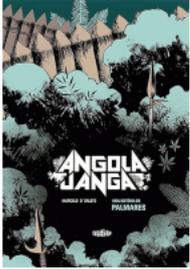
Palmares, de Marcelo D'Salete. Através do sistema, é possível conferir quais campos foram utilizados no registro desse item, o sistema disponibiliza a visualização dos registros da forma normal, em MARC e em ISBD, além das notas registradas.

No registo normal, verifica-se que foram inscritos os seguintes elementos: título, autoria, tipo de material, dados da publicação, descrição, número de ISBN, assuntos, número da Classificação Decimal de Dewey (CDD), *tags* e as notas:

### Figura 27 – Registro de *Graphic Novel* em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília

Início > Detalhes de: Angola Janga uma história de Palmares /

[Visualização normal](#)
[Visualização MARC](#)
[Visualização ISBD](#)



Local cover image

## Angola Janga : uma história de Palmares / Marcelo D'Salete. - [texto] .

Por: [D'Salete, Marcelo, 1979-](#) [autor] Q

Tipo de material: [Texto](#)

Dados da publicação: São Paulo : Veneta, 2017

Descrição: 430 p. : il. ; 24 cm

ISBN: 9788595710139

Assunto(s): [HISTÓRIA EM QUADRINHOS](#) Q | [BRASIL - HISTÓRIA - PALMARES, 1630-1695](#) Q | [QUILOMBO DOS PALMARES](#) Q

Classificação Decimal de Dewey: 741.5

Resumo: Apresenta, em quadrinhos, a Angola Janga, “pequena Angola” ou, como dizem os livros de história, Palmares. Por mais de cem anos, foi como um reino africano dentro da América do Sul. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se o grande alvo do ódio dos colonizadores e um símbolo de liberdade para os escravizados. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra. | Veneta | <https://veneta.com.br/produto/angola-janga/>

Tags desta biblioteca: Sem tags desta biblioteca para este título. [Faça o login para adicionar tags.](#)

★★★★★ Avaliação média: 0.0 (0 votos)

Fonte: Elaboração própria (2024)

## Figura 28 – Registro de notas de *Graphic Novel* em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília

Exemplares ( 2 )	Notas (6)	Comentários ( 0 )	Imagens
<p>Inclui glossário: p. 415-418.</p> <p>Subtítulo retirado da capa.</p> <p>Contracapa: Ganhador do Prêmio Jabuti Quadrinhos 2018; Ganhador do Prêmio Grampo Ouro 2018; Ganhador do Troféu HQMIX 2018)</p> <p>Bibliografia: p. 429-430.</p> <p>Apresenta, em quadrinhos, a Angola Janga, “pequena Angola” ou, como dizem os livros de história, Palmares. Por mais de cem anos, foi como um reino africano dentro da América do Sul. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se o grande alvo do ódio dos colonizadores e um símbolo de liberdade para os escravizados. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra.   Veneta  </p> <p><a href="https://veneta.com.br/produto/angola-janga/">https://veneta.com.br/produto/angola-janga/</a></p>			

Fonte: Elaboração própria (2024)

No registro em MARC, por sua vez, utilizou-se, entre outros, os seguintes campos: 000 – líder; 005 – data e hora da última atualização; 008 – campo de tamanho fixo; 020 – ISBN; 082 – número de Classificação Decimal de Dewey; 100 – entrada principal – nome pessoal; 245 – título principal; 260 – imprensa (publicação, distribuição, etc.); 300 – descrição física; 500 – nota geral; 520 – nota de resumo; 650 – assunto – tópico e 942 – item:

**Figura 29 – Registro em MARC de *Graphic Novel* em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília**

<a href="#">Visualização normal</a> <a href="#">Visualização MARC</a> <a href="#">Visualização ISBD</a>	
<b>Angola Janga (Registro n. 173626)</b>	
[ somente texto ]	
<b>000 - LÍDER</b>	
fixed length	01708nam a22003014a 4500
control field	
<b>001 - NÚMERO DE CONTROLE</b>	
control field	001669606
<b>003 - CÓDIGO MARC DA AGÊNCIA CATALOGADORA</b>	
control field	BR-RJBN
<b>005 - DATA E HORA DA ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO</b>	
control field	20240429162653.0
<b>007 - CAMPO FIXO - DESCRIÇÃO FÍSICA -- INFORMAÇÃO GERAL</b>	
fixed length	ta
control field	
<b>008 - CAMPO DE TAMANHO FIXO - TODOS OS MATERIAIS</b>	
fixed length	180516s2017 bl a g 000 0 por
control field	
<b>020 ## - ISBN</b>	
International Standard Book Number	9788595710139

Fonte: Elaboração própria (2024)

O registro em ISBD é composto por: nome do autor, título, editora, ano, dimensões, ISBN, resumo, assuntos, número da Classificação Decimal de Dewey:

## Figura 30 – Registro em ISBD de *Graphic Novel* em sistema da Biblioteca Demonstrativa de Brasília

[Visualização normal](#)
[Visualização MARC](#)
[Visualização ISBD](#)

### Angola Janga uma história de Palmares /

D'Salete, Marcelo, 1979-

Angola Janga uma história de Palmares / [texto] Marcelo D'Salete. - - São Paulo Veneta 2017. - 430 p. il. 24 cm.

Inclui glossário: p. 415-418. Subtítulo retirado da capa. Contracapa: Ganhador do Prêmio Jabuti Quadrinhos 2018; Ganhador do Prêmio Grampo Ouro 2018; Ganhador do Troféu HQMIX 2018)

Bibliografia: p. 429-430.

Apresenta, em quadrinhos, a Angola Janga, "pequena Angola" ou, como dizem os livros de história, Palmares. Por mais de cem anos, foi como um reino africano dentro da América do Sul. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se o grande alvo do ódio dos colonizadores e um símbolo de liberdade para os escravizados. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra. <https://veneta.com.br/produto/angola-janga/>

ISBN:9788595710139 R\$ 58,65

Subjects--Topical Terms:  
 HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
 BRASIL - HISTÓRIA - PALMARES, 1630-1695  
 QUILOMBO DOS PALMARES

Dewey Class. No.:741.5 / D811

Fonte: Elaboração própria (2024)

Tanto o registro normal, como o em MARC da obra Angola Janga encontram-se de forma completa nos anexos A e B.

Quanto à classificação, devido ao fato de que a biblioteca utiliza a Classificação Decimal de Dewey (CDD), esses quadrinhos receberam a notação de número 741.5, que designa histórias em quadrinhos, cartuns e caricaturas. A notação de autor, elaborada de acordo com a tabela de Cutter-Sanborn, que leva a primeira letra do sobrenome do autor, seguida do número e a letra inicial do título da obra.

No que diz respeito dos desafios na representação das hqs na BDB atualmente o maior problema é a falta do mobiliário adequado. Em um cenário futuro, a bibliotecária acredita que o desafio será no estabelecimento dos campos a serem registrados, quando a catalogação dos quadrinhos começar a ser feita.

Na pergunta a respeito do que poderia ser melhorado em relação aos quadrinhos, a entrevistada ressaltou a importância dos quadrinhos, especialmente no que diz respeito ao fato de que os quadrinhos são importantes no processo de formação de leitura das crianças, além do fato de que os quadrinhos são em si uma forma de leitura agradável a todos os públicos.

Por fim, ao encerrar a entrevista, a bibliotecária lamentou-se pelo fato de os quadrinhos não estarem organizados e impossibilitados de serem emprestados. Ela enfatizou que gostaria que eles pudessem receber uma catalogação simples, mas que possibilitasse o empréstimo dos materiais. Porém, apesar dos desafios, a entrevistada mantém-se otimista para uma organização futura dos quadrinhos.

A fim de consolidar as respostas, em atenção aos objetivos dessa pesquisa, segue quadro comparativo abaixo:

**QUADRO 1 – Etapas da representação realizadas pelas bibliotecas**

Dimensões mensuradas	BNB	BDB
Catálogo	Sim	Somente de <i>graphic novels</i> e encadernados
Indexação	Pós-coordenada	Somente de <i>graphic novels</i> e encadernados
Classificação	Sim (número 741.5 e tabela auxiliar)	Somente de <i>graphic novels</i> e encadernados (número 741.5)
Fontes de Informação de apoio	AACR2 Manual de Catalogação CDU Site Guia dos Quadrinhos	AACR2 <sup>5</sup> CDD

Fonte: Elaboração própria (2024)

<sup>5</sup> A utilização do AACR2 não foi confirmada durante a entrevista, mas em virtude de as hqs serem catalogadas como livros pressupõe-se o uso do AACR2

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias em quadrinhos como conhecemos atualmente no mundo ocidental surgiram oficialmente há cerca de 128 anos, e sua história é composta por altos e baixos, fases de maior popularidade e também marcada por censuras e preconceitos, especialmente porque se trata de uma forma de comunicação em massa. Com os anos o formato foi evoluindo, e se diversificando. Os quadrinhos deixaram de ser apenas tiras e revistinhas de heróis para se tornarem obras artísticas, cujas temáticas podem se tratar de críticas sociais, relatos cotidianos, históricos e jornalísticos.

Assim, depois de transformações nas formas como nos comunicamos, especialmente com o advento das tecnologias de comunicação, as histórias em quadrinhos seguem relevantes e conquistando públicos que variam das crianças aos mais velhos, e as bibliotecas mantêm a sua importância ao trazer essas obras para os seus usuários, que demandam por quadrinhos de todos os tipos.

Sendo assim, com vistas à consecução do objetivo geral, de analisar como as histórias em quadrinhos são organizadas e tratadas tecnicamente em bibliotecas públicas, procedeu-se ao estudo de caso e às entrevistas em duas importantes bibliotecas localizadas na capital do país, que trouxe à luz duas realidades distintas: as situações de ambas as bibliotecas estão em dois opostos. Enquanto uma possui um padrão de trabalho consolidado e conta com manual para suporte, estrutura e profissionais para a organização das hqs, a outra ainda está em fase de desenvolvimento, pois um pequeno número de quadrinhos passou por todas as fases da gestão documental, e a organização atualmente não segue nenhum padrão definido, os quadrinhos estão espalhados por todo o acervo da biblioteca e muitos não estão registrados no sistema de gerenciamento de informações da biblioteca. Há muito trabalho a se fazer para que se chegue a um cenário ideal.

A partir do verificado nos locais escolhidos e das informações obtidas durante a entrevista, percebe-se que a ausência de profissionais, tanto bibliotecários comuns quanto conhecedores de quadrinhos influencia na gestão desses materiais. Ter bibliotecários em número adequado nesses locais é imprescindível, e ter bibliotecários que sejam familiarizados e que gostem desses materiais torna o trabalho de organização e tratamento mais fluído.

Outra importante observação reside no fato de que os quadrinhos seguem sendo representados como livros. Em ambas as bibliotecas, as hqs são representadas e tratadas como livros, assim o único código levado em consideração é o linguístico. Apesar de as hqs se constituírem em materiais que utilizam-se tanto da imagem quanto do texto escrito, as imagens ainda estão sendo desconsideradas no momento de catalogação, classificação e indexação das obras.

Em relação à organização física dos quadrinhos, nas duas bibliotecas verificou-se que há a diferenciação entre os principais tipos de hqs: mangás, periódicos (gibis) e *graphic novels*. Separar os tipos de quadrinhos é imprescindível devido aos formatos que esses materiais possuem e porque esses materiais têm temáticas diferentes.

No que se refere à identificação de quais fontes de informação apoiam e auxiliam no trabalho de organização e tratamento técnico das histórias em quadrinhos, ressalta-se que os textos e pesquisas elaboradas por Waldomiro Vergueiro seguem como cânones no âmbito da Ciência da Informação e Quadrinhos. Outro suporte mencionado durante a entrevista ressalta a importância de busca por informações fora do âmbito acadêmico e dentro do segmento próprio dos quadrinhos: o *site* brasileiro especializado em quadrinhos denominado Guia dos Quadrinhos.

A busca por informações no escopo dos próprios quadrinhos é importante no sentido de que, por mais que um bibliotecário tenha familiaridade com hqs, ainda podem persistir dúvidas na interpretação do material.

A consulta por trabalhos escritos para o embasamento da revisão de literatura sugere que ainda há uma quantidade escassa dessas obras no âmbito da Biblioteconomia. Porém, ressalta-se que uma literatura desse segmento está sendo produzida, ainda que em pouca quantidade, mas estão ocorrendo avanços na área.

Desta forma, a pesquisa realizada mostra que apesar dos avanços, ainda há muito o que se fazer em relação aos quadrinhos em bibliotecas públicas. Percebe-se que o caminho a percorrer em busca de uma representação adequada para esses materiais continua encontrando percalços e desafios a serem enfrentados.

Pode-se perceber que a organização e tratamento dos quadrinhos encontra-se em uma fase que ainda está se desenvolvendo e que tem muito a avançar.

Apesar das adversidades, há um otimismo, pois os profissionais entrevistados reconhecem que os quadrinhos são importantes fontes de informação, que demandam um trabalho específico voltado para as suas características particulares, assim como o valor e a importância desses materiais para as suas bibliotecas e o seu público, que não mais restringem-se apenas aos jovens e às crianças.

Por fim, a partir dos resultados observados nesta pesquisa, espera-se que possam suceder-se outros trabalhos que abordem a temática de organização e tratamento de histórias em quadrinhos, especialmente nos segmentos aos quais ainda há lacunas de pesquisas realizadas, como classificação e indexação de quadrinhos. Apesar de os trabalhos que abordem a catalogação de quadrinhos existirem em maior número, reforça-se que ainda é imprescindível que realizem trabalhos nessa temática também. Ademais, sugere-se que possam ser realizadas pesquisas que reforcem que o tratamento de histórias em quadrinhos deve ser realizado considerando o fato de que esses materiais são compostos por elementos verbais e não-verbais.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Hugo Leonardo. **Catálogo de Histórias em Quadrinhos: uma Metodologia de Trabalho**. In: **ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES**, 2012, Rio de Janeiro. Artigo. Rio de Janeiro: Enacat, 2012. p. 1-14. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eepc/3eepc/paper/viewFile/319/275>. Acesso em: 14 abr. 2024.

AGOSTINI, Angelo. **As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora**. Brasília: Senado Federal, 2013. 192 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/521244>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ALVARENGA, M. A. do C. MANGÁS – HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TERRA DO SOL NASCENTE. **Revista Estética e Semiótica**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 74-86, 6 jul. 2023. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Univ. de Brasília. <http://dx.doi.org/10.18830/issn2238-362x.v13.n1.2023.06>. Acesso em: 30 jul. 2024.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência**. São Paulo: Cengage Learning, 2006. 212 p.

ART, The Metropolitan Museum Of (org.). **Transmitting the Spirit, Revealing the Form of Things: hokusai sketchbooks, volume 6 (denshin kaishu: hokusai manga, rokuhen)**. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/57683>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676: Métodos para análise de documentos - Determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação**. Rio de Janeiro: Abnt, 1992. 4 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. . **Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles - BDB**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/sistema-nacional-de-bibliotecas-publicas-snbp/biblioteca-demonstrativa-do-brasil-bdb/biblioteca-demonstrativa-maria-da-conceicao-moreira-salles-bdb>. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRITISH MUSEUM (org.). **Codex**. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/E\\_Am1902-0308-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_Am1902-0308-1). Acesso em: 29 ago. 2024.

BRITISH MUSEUM (org.). **Print; satirical print**. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/P\\_1978-U-1874](https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1978-U-1874). Acesso em: 30 jul. 2024.

CAMPOS, F. R. AbraFANZINE: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, [S.L.], v. 5, n. 10, p. 65, 10 fev. 2016. Faculdade de Letras da UFMG. <http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.5.10.65->

77. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/txt/article/view/11156>. Acesso em: 30 ago. 2024.

CAVALHEIRO, K. C. S.; ARAKAKI, F. A. Resource Description and Access (RDA): as diretrizes antes e depois do projeto 3r. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-29, nov. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/stLJjdBD46mKFLT6q4nTX7m/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 166 p.

CHICAGO, Art Institute of (org.). **Plate Eight, from A Rake's Progress**. Disponível em: <https://www.artic.edu/artworks/80818/plate-eight-from-a-rake-s-progress>. Acesso em: 30 jul. 2024.

COMMONS, Wikimedia (org.). **Category:Chōjū-jinbutsu-giga**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Ch%C5%8Dj%C5%AB-jinbutsu-giga>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CUNHA, F. C. P. da. Aspectos introdutórios do mangá como fonte: da gênese desse impresso até a redução da produção durante a segunda guerra mundial. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 32-46, 3 set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/mundolive/article/view/39956>. Acesso em: 27 jul. 2024.

DELLAMÉA, F.; MEDEIROS, E. W. A imagem na escrita mesoamericana: um olhar sobre o códice zouchenuttall. **Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas**, Santa Maria (RS, Brasil), v. 5, n. 1, p. 71–92, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1631>. Acesso em: 20 jul. 2024.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 192 p.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788565848138>. Acesso em: 04 set. 2024.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Rdbci**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 60-90, 3 dez. 2004. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rdbci.v1i1.2089>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2089>. Acesso em: 02 maio 2024.

GASQUE, K. C. G. D.; RAMOS, R. B. T. As histórias em quadrinhos: instrumento de informação e de incentivo à leitura. **Datagramazero**: Revista de Ciência da

Informação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-9, abr. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/8372>. Acesso em: 13 out. 2023.

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA (Brasil) (org.). **O Tico-Tico**: jornal das crianças (rj) - 1905 a 1961. Jornal das crianças (RJ) - 1905 a 1961. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>. Acesso em: 30 jul. 2024.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração Dos Princípios Internacionais de Catalogação**. Haia: Ifla, 2016. 21 p. Disponível em: [https://repository.ifla.org/bitstream/123456789/89/1/icp\\_2016-pt.pdf](https://repository.ifla.org/bitstream/123456789/89/1/icp_2016-pt.pdf). Acesso em: 30 mar. 2024.

KHAN ACADEMY (org.). **The Bayeux Tapestry**. Disponível em: <https://www.khanacademy.org/humanities/ap-art-history/early-europe-and-colonial-americas/medieval-europe-islamic-world/a/bayeux-tapestry>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LANCASTER, F. W. **Indexação e Resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2006. 120 p.

LIMA, A. C. de V. Propostas metodológicas para o estudo das deidades nos códices mixtecas: Bodley, Selden, Vindobonense e Zouche Nuttall. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 13, p. 132–139, 2018. DOI: 10.20396/eha.13.2018.4319. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/4319>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto (org.). **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Pearson, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 05 set. 2024.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2005. 215 p.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no Plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. 218 p.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à Catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995. 126 p.

MODESTO, F. Conversa para catalogador dormir: alguns caminhos do formato MARC. **INFOhome**, [s. l.], p. [1-10], mar. 2009. Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=428](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=428). Acesso em: 20 set. 2024.

MORENO, F. P.; MÁRDERO ARELLANO, M. Á. Requisitos funcionais para registros bibliográficos - FRBR: uma apresentação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 20–38, 2005. DOI: 10.20396/rdbci.v3i1.2052. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2052>. Acesso em: 21 set. 2024.

MUSSARELLI, F.; MIOTELLO, V. O contexto brasileiro da chegada do mangá e as particularidades de sua publicação no Brasil. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 45–57, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/137055..> Acesso em: 27 jul. 2024.

PAVARINA, E. C. O percurso gerativo de sentido aplicado à indexação de tira. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 7, p. 1-23, jul. 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/78090>. Acesso em: 30 mar. 2024.

PAVARINA, E. C.; ZAFALON, Z. R. Catalogação de histórias em quadrinhos à luz da semiótica da cultura. **Palavra Chave (La Plata)**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e169, 2022. DOI: 10.24215/18539912e169. Disponível em: <https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/pce169>. Acesso em: 08 abr. 2024.

PAVARINA, E. C.; ZAFALON, Z. R.; BARBOZA, T. B. **METADADOS PARA CATALOGAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**. In: **ENANCIB – ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 2021, Rio de Janeiro. Artigo. Rio de Janeiro: Ancib, 2021. p. 1-12. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/schedConf/presentations>. Acesso em: 18 fev. 2024.

PAVARINA, E. C.; ZAFALON, Z. R.; BARBOZA, T. B. Representação de histórias em quadrinhos: análise de metadados. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/592>. Acesso em: 29 mar. 2024.

PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à Teoria da Classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 1983. 224 p.

RAMOS, R. B. T.; MIRANDA, J. S. P. **Tratamento técnico e organização das revistas de histórias em quadrinhos da Gibiteca Estadual Jorge Braga**. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 2013, Florianópolis. Artigo. Florianópolis: Febab, 2013. p. 1-10. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/2159>. Acesso em: 26 maio 2024.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/192388>. Acesso em: 07 jul. 2024.

SALGADO, D. M.; ARAÚJO, A. R. S. de; ARAKAKI, F.; TEXEIRA, M. V.; ASSUMPÇÃO, F. S.; SILVA, L. C. da; MACHADO, R. de S.; ELIEL, O. Formato MARC 21 para dados de autoridade: considerações no processo da tradução. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 1–19, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1914>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS, F. G. do. TRAJANO E DECÉBALO: um contraste entre o imperador romano e o rei dácio nas fontes romanas - literária e material (sécs. ii-iii d.c.). **História em Curso**, Belo Horizonte, v. 5, n. 7, p. 1-20, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/30990>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SANTOS, R. E. dos; VERGUEIRO, W. REVISTAS ALTERNATIVAS DE QUADRINHOS NO BRASIL NA DÉCADA DE 1970: UMA ANÁLISE DE O BICHO. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], n. 12, 2011. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/44>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SIMIONATO ARAKAKI, A. C.; ARAKAKI, F. A. . Dados e metadados: conceitos e relações: concepts and relationships. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 49, n. 3, 2020. DOI: 10.18225/ci.inf.v49i3.5504. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5504>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SILVA, José Fernando Modesto da; PALLETA, Francisco Carlos (org.). **Tópicos para o ensino da Biblioteconomia**: volume i. São Paulo: Eca/Cbd - Usp, 2016. 181 p. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002746699>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, José Fernando Modesto da; PALLETA, Francisco Carlos (org.). **Tópicos para o Ensino da Biblioteconomia**: volume ii. São Paulo: Eca/Cbd - Usp, 2019. 170 p. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/456>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SMARRA, A. L. S.; LOTUFO, C. A.; SILVA, L. F. da; GOMES, N. dos S. As aventuras de Nhô Quim: o Marco Histórico dos Quadrinhos no Mundo. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 15-41, 2021. DOI: 10.11606/2316-9877.2021.v9i2.153373. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/153373>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SOUZA, E. de; TOUTAIN, L. B. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: BARREIRAS PARA A REPRESENTAÇÃO DOCUMENTAL. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 78–95,

2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3930>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SOUZA, Sebastião de. **CDU: como entender e utilizar a 2ª Edição Padrão Internacional em Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: Thesaurus, 2012. 160 p.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**: a história de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 296 p.

TEZUKA OSAMU OFFICIAL (org.). **Phoenix series**. Disponível em: <https://tezukaosamu.net/en/manga/656.html>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TRAJANS COLUMN (org.). **TRAJAN'S COLUMN IN SITU (Scene 92)**. Disponível em: <https://www.trajans-column.org/?flagallery=trajans-column-scenes-lxxix-cxxvi-79-126>. Acesso em: 29 jul. 2024.

UDCC (org.). **Universal Decimal Classification**. Disponível em: <https://udcsummary.info/php/index.php?lang=pt>. Acesso em: 08 jul. 2024.

VASCONCELLOS, Pedro Vicente Figueiredo. **Mangá-Dô: os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas**. 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VERGUEIRO, W. As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. **Visualidades: revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**, v. 7, n. 1, p. 14-41, 2009 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/vis.v7i1.18118>. Acesso em: 05 nov. 2023.

VERGUEIRO, W. De marginais a integrados: o processo de legitimação intelectual dos quadrinhos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-17. Disponível em: [https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300921069\\_ARQUIVO\\_Historia semQuadrinhosANPUH2011.pdf](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300921069_ARQUIVO_Historia semQuadrinhosANPUH2011.pdf). Acesso em: 02 nov. 2023.

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 1-13, abr. 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/5643>. Acesso em: 01 abr. 2024.

VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. dos. A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, n.2, p. 23-34, ago. 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8633177>. Acesso em: 30 mar. 2024.

VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. dos. A revista Gibi e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-190, jun. 2014. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/matrizas/article/download/90453/93231/130586>. Acesso em: 29 mar. 2024.

## **APÊNDICE A – Questões elaboradas para a parte semiestruturada da entrevista**

### **Parte 1 - Organização física e acesso**

1. O acervo da biblioteca é composto por quantos quadrinhos basicamente?
2. Existe muita procura por esse tipo de material? Faz empréstimo?  
Se sim, qual a forma de busca? É no catálogo, é na estante direto, é consulta aos bibliotecários?
3. Em relação à disponibilização das hqs nas prateleiras, como ela foi feita?  
Quais foram os critérios utilizados? Há problemas na manutenção do material (por exemplo, rasgados, colocados fora de lugar, etc?)
4. Há alguma separação por tipo de quadrinho, ou obra ou temática ou tipo de edição?

### **Parte 2 - Sobre a representação**

5. Vocês catalogam todos os tipos de quadrinhos? Se sim, como fazem?
6. Existe na biblioteca indexação por assunto das hqs? Qual outro tipo de indexação? Ou então, qual forma de recuperação?
7. Vocês realizam entrada por autor? Se sim, há a utilização de notação de autor?
8. Quais os desafios para representar hqs? Você já buscou material de apoio especializado?
9. Na sua opinião, o que poderia ser melhorado em relação aos quadrinhos no acervo da sua biblioteca?
10. Gostaria de comentar algo que não foi perguntado?

## ANEXO A – Registro de *Graphic Novel* da BDB

31/08/2024, 03:05

Detalhes para: Angola Janga uma história de Palmares / &gt; Koha online catalogo

[Pesquisa avançada](#) | [Pesquisa de autoridade](#) | [Nuvem de tags](#) | [Biblioteca](#)



Local cover image

(koha:biblionenumber:173626)

### Angola Janga : uma história de Palmares / Marcelo D'Saete. - [texto] .

Por: D'Saete, Marcelo, 1979- [autor] Q

Tipo de material: Texto

Dados da publicação: São Paulo : Veneta, 2017

Descrição: 430 p. : il. ; 24 cm

ISBN: 9788595710139

Assunto(s): HISTÓRIA EM QUADRINHOS Q | BRASIL - HISTÓRIA - PALMARES, 1630-1695 Q | QUILOMBO DOS PALMARES Q

Classificação Decimal de Dewey: 741.5

Resumo: Apresenta, em quadrinhos, a Angola Janga, "pequena Angola" ou, como dizem os livros de história, Palmares. Por mais de cem anos, foi como um reino africano dentro da América do Sul. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se o grande alvo do ódio dos colonizadores e um símbolo de liberdade para os escravizados. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra. | Veneta | <https://veneta.com.br/produto/angola-janga/>

Tags desta biblioteca: Sem tags desta biblioteca para este título. Faça o login para adicionar tags.

Avaliação média: 0.0 (0 votos)

Inclui glossário: p. 415-418.

Subtítulo retirado da capa.

Contracapa: Ganhador do Prêmio Jabuti Quadrinhos 2018; Ganhador do Prêmio Grampo Ouro 2018; Ganhador do Troféu HQMIX 2018)

Bibliografia: p. 429-430.

Apresenta, em quadrinhos, a Angola Janga, "pequena Angola" ou, como dizem os livros de história, Palmares. Por mais de cem anos, foi como um reino africano dentro da América do Sul. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se o grande alvo do ódio dos colonizadores e um símbolo de liberdade para os escravizados. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra. | Veneta |

<https://veneta.com.br/produto/angola-janga/>

## ANEXO B – Registro Completo em MARC de *Graphic Novel* da BDB

31/08/2024, 02:50

MARC details for record no. 173626 › Koha online catalog

[Pesquisa avançada](#) | [Pesquisa de autoridade](#) | [Nuvem de tags](#) | [Biblioteca](#)

### Angola Janga (Registro n. 173626)

[ somente texto ]

<b>000 - LÍDER</b>	
fixed length control field	01708nam a22003014a 4500
<b>001 - NÚMERO DE CONTROLE</b>	
control field	001669606
<b>003 - CÓDIGO MARC DA AGÊNCIA CATALOGADORA</b>	
control field	BR-RJBN
<b>005 - DATA E HORA DA ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO</b>	
control field	20240429162653.0
<b>007 - CAMPO FIXO - DESCRIÇÃO FÍSICA -- INFORMAÇÃO GERAL</b>	
fixed length control field	ta
<b>008 - CAMPO DE TAMANHO FIXO - TODOS OS MATERIAIS</b>	
fixed length control field	180516s2017 bl a g 000 0 por
<b>020 ## - ISBN</b>	
International Standard Book Number	9788595710139
Terms of availability	R\$ 58,65
Qualifying information	(enc.)
<b>040 ## - FONTE DA CATALOGAÇÃO</b>	
Original cataloging agency	BR-RJBN
Language of cataloging	por
Transcribing agency	BR-RJBN
Modifying agency	BR-BrBDB
<b>082 74 - NÚMERO DE CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY (CDD)</b>	
Edition number	22
Classification number	741.5

<b>082 74 - NÚMERO DE CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY (CDD)</b>	
Edition number	22
Classification number	741.5
Item number	D811
<b>100 1# - ENTRADA PRINCIPAL - NOME PESSOAL</b>	
Personal name	D'Salete, Marcelo,
Dates associated with a name	1979-
9 (RLIN)	61996
Relator term	autor
<b>245 10 - TÍTULO PRINCIPAL</b>	
Title	Angola Janga
Remainder of title	uma história de Palmares /
Statement of responsibility, etc.	Marcelo D'Salete. -
Medium	[texto]
<b>260 ## - IMPRENTA (PUBLICAÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, ETC.)</b>	
Place of publication, distribution, etc.	São Paulo
Name of publisher, distributor, etc.	Veneta
Date of publication, distribution, etc.	2017.
<b>300 ## - DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	
Extent	430 p.
Other physical details	il.
Dimensions	24 cm.
<b>500 ## - NOTA GERAL</b>	
General note	Inclui glossário: p. 415-418.
<b>500 ## - NOTA GERAL</b>	
General note	Subtítulo retirado da capa.
<b>500 ## - NOTA GERAL</b>	
General note	Contracapa: Ganhador do Prêmio Jabuti Quadrinhos 2018; Ganhador do Prêmio Grampo Ouro 2018; Ganhador do Troféu HQMIX 2018)
<b>504 ## - NOTA DE BIBLIOGRAFIA, ETC.</b>	
Bibliography, etc. note	Bibliografia: p. 429-430.
<b>520 ## - NOTA DE RESUMO, ETC</b>	

<b>504 ## - NOTA DE BIBLIOGRAFIA, ETC.</b>	
Bibliography, etc. note	Bibliografia: p. 429-430.
<b>520 ## - NOTA DE RESUMO, ETC</b>	
Summary, etc.	Apresenta, em quadrinhos, a Angola Janga, "pequena Angola" ou, como dizem os livros de história, Palmares. Por mais de cem anos, foi como um reino africano dentro da América do Sul. Formada no fim do século XVI, em Pernambuco, a partir dos mocambos criados por fugitivos da escravidão, Angola Janga cresceu, organizou-se e resistiu aos ataques dos militares holandeses e das forças coloniais portuguesas. Tornou-se o grande alvo do ódio dos colonizadores e um símbolo de liberdade para os escravizados. Seu maior líder, Zumbi, virou lenda e inspirou a criação do Dia da Consciência Negra.
Assigning source	Veneta
Uniform Resource Identifier	<a href="https://veneta.com.br/produto/angola-janga/">https://veneta.com.br/produto/angola-janga/</a>
<b>650 04 - ASSUNTO TÓPICO</b>	
Topical term or geographic name entry element	HISTÓRIA EM QUADRINHOS
9 (RLIN)	766
<b>650 04 - ASSUNTO TÓPICO</b>	
Topical term or geographic name entry element	BRASIL - HISTÓRIA - PALMARES, 1630-1695
9 (RLIN)	13
<b>650 04 - ASSUNTO TÓPICO</b>	
Topical term or geographic name entry element	QUILOMBO DOS PALMARES
9 (RLIN)	3029
<b>942 ## - ITEM (KOHA)</b>	
Source of classification or shelving scheme	Dewey Decimal Classification
Koha item type	Livro

## Exemplares

24, 02:50

MARC details for record no. 173626 › Koha online catalog

Status de empréstimo	Status de perda	Fonte de classificação	Status de danificação	Não pode ser emprestado	Código da coleção	Localização permanente	Localização atual	Data de aquisição	Fonte de aquisição	Preço	Total de Empréstimos	Número de chamada	Código de barras	Date da último inventário	Número de exemplares	Preço para ressarcimento	Preço efetivo a partir de
		Dewey Decimal Classification			Coleção Acervo Geral	BDB	BDB	08/10/2020	Compra	58.65		741.5 D811	2024-0355	04/02/2024	ex. 1	58.65	04/02/2024
		Dewey Decimal Classification			Coleção Acervo Geral	BDB	BDB	08/10/2020	Compra	58.65		741.5 D811	2024-0356	04/02/2024	ex. 2	58.65	04/02/2024